Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a agricultura

Área Temática: Agro-Bioenergia

Período de Análise: julho de 2009.

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL 5

Biodiesel 5

Brasil Ecodiesel fecha usina no Ceará Carmen Pompeu – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 12/07/2009 5

MISTURA MAIOR DE BIODIESEL DEVE ENCARECER DIESEL – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/07/2009 6

Brasil Ecodiesel mantém unidade – Valor Econômico – Agronegócios – 14/07/2009 6

Etanol 8

Oferta extra de açúcar reverte lucro no setor sucroalcooleiro – Sítio eletrônico da CNA – 02/07/2009 8

Centro-Sul deve moer 9,7% a mais de cana em 2009/10, diz FCStone – Sítio Eletrônico da CNA – 06/07/2009 9

Câmara de Açúcar e do Álcool analisa legislação do setor sucroenergético – Sítio eletrônico da CNA – 07/07/2009 10

Cosan faz a primeira venda de álcool combustível para o Japão – Estado de São Paulo – economia e negócios – 14/07/2009 11

Usina de cana anuncia demissão de 300 em MS - Folha de São Paulo – Dinheiro – 03/07/2009 12

Cosan anuncia acordo com grupo japonês para exportar – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/07/2009 13

Diferença no preço de álcool chega a 28% - Fabiana Ribeiro e Ramona Ordoñez – O Globo – Economia – 14/0702009 13

O futuro do etanol – Luciana Franco - Revista Globo Rural – junho de 2009 14

John Deere fecha acordo para avançar no mercado de cana – Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios – 02/07/2009 17

Moagem de cana avança no Centro-Sul, apesar da chuva – Valor Econômico – Agronegócios – 02/07/2009 18

Usinas de PE assinam pacto trabalhista – Carolina Mandl – Valor Econômico – Agronegócios – 06/07/2009 18

Cana recua, mas carnes puxam alta de índice paulista de preço – Valor Econômico – Agronegócios – 07/07/2009 19

Brasil vai abocanhar 50% das exportações mundiais de açúcar – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 08/07/2009 20

Datagro: 25 grupos concentram 49,1% da moagem de cana – Sitio eletrônico da CNA – 20/07/2009 21

Queima de cana cai 43% na região de Ribeirão Preto – Sítio Eletrônico da CNA – 28/07/2009 22

Grupos logísticos assumem os canaviais – Sítio Eletrônico da CNA – 29/07/2009 23

Exportação de açúcar cresce 53% e bate recorde – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 20/07/2009 25

O etanol e o sorriso da minhoca brasileira – Rogério Cezar de Cerqueira Leite – Folha de São Paulo – Opinião – 29/07/2009 27
Crise atropela megaprojeto de etanol – Aguinaldo Novo – O Globo – O País – 18/07/2009 29
Endividamento já supera em 50% as receitas das usinas do Nordeste – Carolina Mandl e Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 20/07/2009 30
Reestruturação vira saída para superar a crise – Valor Econômico – Agronegócios – 20/07/2009 32
Açúcar já 'paga' 68% a mais que álcool hidratado no país – Valor Econômico – Agronegócios – 21/07/2009 33
Uniduto busca sócio para alcoolduto – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – agronegócios – 27/07/2009 35
Projetos se respaldam na demanda do exterior – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 27/07/2009 37

POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEL 38

Biodiesel 38
Empresa de implante dentário tenta parceria para produzir biodiesel – O Globo – O País – 07/07/2009 38
Renda dos agricultores familiares é fortalecida com Biodiesel – Sítio Eletrônico do MDA – 02/07/2009 39

Etanol 42
"Demanda por alimento e energia fará agronegócio reagir", diz Meirelles – Sítio Eletrônico da CNA – 06/07/2009 42
Brasil lança iniciativa por quebra de patente para energias limpas – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Ciência – 14/07/2009 43
Empréstimos deixam BNDES na berlinda – Samantha Lima – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/07/2009 44
Área de ambiente avalia aumentar exigências – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/07/2009 45
ONU certifica geração de energia em assentamentos do PA – Sítio Eletrônico do MDA – 14/07/2009 46
Setor sucroalcooleiro movimenta economia e gera empregos – Sítio Eletrônico da CNA – 17/07/2009 46
Auxílio continua para os produtores de cana-de-açúcar no Nordeste – Sitio Eletrônico da CNA – 20/07/2009 48
Seminário discute direitos sociais e ambientais no setor sucroalcooleiro – Sítio eletrônico da CNA – 23/07/2009 48
Chuva reduz a moagem de cana no Centro-Sul do país – Sítio Eletrônico da CNA – 29/07/2009 49
Cortadores de cana ganham 18 medidas inéditas para melhorar condições de trabalho – Sítio eletrônico da Contag - 17/07/2009 50

Venda de diesel cai menos que o previsto Rafael Rosas – Valor Econômico – Brasl – 17/07/2009 52
Eólicas terão incentivo fiscal e mais facilidade para importar – Daniel Rittner – Valor Econômico – Brasil – 17/07/2009 52
Abastecer com álcool é mais vantajoso em 21 Estados, indica ANP – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – agronegócios – 28/07/2009 53
Chuva reduz a moagem de cana no Centro-Sul do país – Valor Econômico – Agronegócios – 29/07/2009 54
Longe de uma matriz elétrica sustentável Osvaldo Soliano – Valor Econômico – Opinião - 30/07/2009 55

RELAÇÕES INTERNACIONAIS 58

Biodiesel 58
Biodiesel dos EUA amarga revés na UE – Valor Econômico – Agronegócios – 08/07/2009 58
Dilma: tema prioritário com Obama amanhã será biocombustível – Sítio Eletrônico da CNA – 20/07/2009 58

Etanol 60
Embaixador dos EUA defende o fim da tarifa do etanol – Patrícia de Campos de Mello - estado de São Paulo – economia e Negócios – 09/07/2009 60
Disputa pela hegemonia tecnológica dificulta debate – Cristina Amorim – Estado de São Paulo – Vida & - 10/07/2009 61
Diesel da Petrobras leva prefeitura de São Paulo a denunciar Brasil na OEA - Tatiana Farah e Ramona Ordoñez – O Globo – O País – 09/07/2009 62
Cosan fecha acordo para exportar álcool ao Japão – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 14/07/2009 63
Dilma: tema prioritário com Obama amanhã será biocombustível - Sítio Eletrônico da CNA – 20/07/2009 64

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

Brasil Ecodiesel fecha usina no Ceará Carmen Pompeu – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 12/07/2009

A usina de biodiesel da Brasil Ecodiesel, em Crateús, no sertão central cearense, fechou suas portas por problemas financeiros e ambientais. Inaugurada, em janeiro de 2007, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a unidade estava parada havia seis meses. Tinha capacidade instalada de produção para 10 milhões de litros de óleo por mês, mas, desde sua inauguração apresentava problemas em adquirir matéria-prima. Recentemente, suas ações na Bolsa despencaram.

De acordo com o prefeito de Crateús, Carlos Felipe Saraiva Beserra, a empresa teve seus problemas agravados com a queda do valor das ações na Bolsa de Valores. Começou operando com a ação avaliada em R$ 12 e agora estava em apenas R$ 0,80.

O fechamento da unidade foi anunciado, na última sexta-feira, na Assembleia Legislativa do Ceará, pelo deputado Hermínio Resende. Segundo ele, a empresa estaria inclusive com as contas de água e luz atrasadas.

Amparada no programa do governo federal de desenvolvimento do biodiesel, a usina deveria incentivar a produção de mamona no sertão cearense. O governador Cid Gomes (PSB) destina R$ 200 para cada hectare plantado. Mas, apesar dos subsídios recebidos, a empresa sequer conseguia pagar o preço mínimo do quilo da baga do produto aos pequenos agricultores da região.

Começou a funcionar com 20 mil toneladas de mamona estocadas, quantidade suficiente para somente 80% da capacidade total de produção de um mês. Como o plantio de mamona não deslanchou no município, a unidade passou a adquirir, então, soja e dendê no Piauí e na Bahia.

Na opinião do presidente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Ceará (Ematerce), José Maria Pimenta, o problema financeiro provocou o fechamento da usina. "Nenhuma empresa fecha se estiver dando lucro", comentou. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo.**

MISTURA MAIOR DE BIODIESEL DEVE ENCARECER DIESEL – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/07/2009

O consumidor mal sentiu os efeitos da redução do preço do diesel nas refinarias, há um mês, e o produto voltará a subir nos postos a partir de amanhã, quando entra em vigor resolução que amplia a mistura de biodiesel ao derivado de petróleo. O aumento deve ser de, ao menos, R$ 0,02 por litro. A proporção adicionada ao diesel convencional sobe de 3% para 4%. Originalmente, a meta era adicionar 5% do biocombustível ao diesel em 2013, mas o objetivo foi antecipado para 2010.

Brasil Ecodiesel mantém unidade – Valor Econômico – Agronegócios – 14/07/2009

A Brasil Ecodiesel não vai fechar sua unidade de produção de biodiesel de Crateús (CE) nem tem planos de encerramento de atividade de quaisquer de suas outras cinco plantas, informou a empresa. Na última sexta-feira, na Assembleia Legislativa do Ceará, o deputado estadual Hermínio Resende (PSL) afirmou que a planta já estava fechada havia meses por conta dos problemas financeiros da companhia.

Segundo a compilação mais recente apresentada pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), referente ao desempenho das indústrias até maio, a usina cearense da Brasil Ecodiesel não produziu apenas no mês de maio. A interrupção ocorreu porque, de acordo com a companhia, a planta de Crateús não saiu vencedora nas rodadas de compra de biodiesel, realizadas pela ANP, responsáveis pelo abastecimento do mercado no segundo e no terceiro trimestres.

O mesmo ocorreu com a unidade da empresa localizada em Floriano (PI) - sem arrematar lotes nas mesmas rodadas, a planta produziu biodiesel até abril. Não houve demissões, segundo a empresa. Parte das equipes é mantida em licença remunerada e a outra parte mantém vínculo com a empresa; as atividades são retomadas quando as unidades voltam a arrematar lotes nos leilões. Com volume acumulado de 6,694 milhões de litros, a unidade cearense foi a que mais produziu biodiesel para a Brasil Ecodiesel neste ano, segundo dados da ANP.

A companhia enfrenta crise financeira há mais de um ano. Com dificuldades de obtenção de capital de giro, ela diminuiu as atividades de suas seis fábricas. Até maio, saíram delas 25,216 milhões de litros de biodiesel, volume 69,9% menor que o acumulado nos primeiros cinco meses de 2008.

A empresa era a maior fabricante de biodiesel no país, mas a disparada do preço da soja, principal matéria-prima para a produção do combustível no mercado brasileiro, a afetou. A Brasil Ecodiesel contava ainda com o fim, em 2008, do sistema de venda de

biodiesel por meio dos leilões da ANP, o que não se concretizou. Em paralelo, a Petrobras, única compradora de biodiesel do mercado, reduziu suas retiradas do combustível produzido pela Brasil Ecodiesel, o que motivou disputa judicial entre ambas.

Desde 2008, a companhia está com um programa de reajuste de suas finanças, que inclui renegociações de dívidas. No momento, está em andamento uma nova proposta de aumento de capital, que inclui dinheiro novo e trocas de dívidas. O levantamento será de, no mínimo, R$ 118 milhões, e máximo de R$ 408 milhões. **(PC)**

Etanol

Oferta extra de açúcar reverte lucro no setor sucroalcooleiro – Sítio eletrônico da CNA – 02/07/2009

A intensificação da moagem da cana-de-açúcar e do seu direcionamento para a produção açucareira - que já é 43,2% maior no acumulado da safra em relação ao ciclo anterior - amplia cada vez mais a oferta no mercado doméstico, pressionando os preços, que recuaram 6,63% no mês de junho, para R$ 41,15 a saca, segundo o Indicador Cepea/Esalq. No dia 19 de março, quando o açúcar atingiu o seu maior patamar de preço este ano, a saca do produto chegou a ser negociada a R$ 49,60. O mês de julho começou com queda de 0,1%, para R$ 41,11 a saca. Apesar de a demanda continuar firme, nas últimas semanas os compradores adquiriram apenas pequenos volumes, sinalizando que o mercado aguarda novos movimentos de baixa.

Mesmo com a retração das últimas cotações, o produto continua remunerando e salvando o caixa de muitas usinas. "Se não fosse o açúcar esse seria um ano traumático", disse Miguel Biegai, analista da Safras & Mercado. Ele destaca que essa semana o preço do etanol alcançou um patamar que paga o custo de produção, após quatro meses de prejuízo.

Preços internacionais

As grandes empresas do setor, que são basicamente exportadoras, não deverão sentir os sinais de retração na demanda doméstica. O mercado mundial da commodity segue em alta e chega no seu maior patamar dos últimos anos. Os contratos futuros do açúcar atingiram a maior alta desde 2006, ainda influenciados pela Índia.

"O açúcar bruto negociado em Nova York está em patamares historicamente elevados, maiores que aqueles anteriores a crise. O contrato de outubro, que está com 440 mil contratos em aberto, chegou a 18,09 centavos por libra-peso, que é um patamar excelente", diz Biegai.

Na semana passada, o mercado de açúcar fechou com altas entre US$ 16 e US$ 28, a máxima dos contratos em todos os meses em aberto. "Não me lembro de ter visto um mercado com alta vertiginosa e robusta como essa, na esteira de um quadro fundamentalista

que tem como pano de fundo uma redução na disponibilidade de açúcar, com estoque abaixo de 32%, e da Índia, que tem dois meses e meio de estoque e cujo spread de curto prazo apresenta desconto de 105 pontos. Não é assim que o mercado funciona", diz Arnaldo Luiz Corrêa, gestor de riscos para o mercado agrícola de commodities.

Multinacionais como a Cargill devem continuar investindo. "Não paralisamos os investimentos, mas alguns dos novos estão passando por um crivo bastante rigoroso disse Marcelo Martins, diretor presidente da empresa. O executivo afirmou que o mercado de açúcar e álcool viveu momentos de preços bastante baixos, mas ressaltou a previsão de reversão no cenário. Já a São Martinho está investindo este ano R$ 259 milhões na ampliação da capacidade de moagem da Usina Boa Vista, que na safra 2009/2010 moerá aproximadamente 2,2 milhões de toneladas. Para a safra 2009/2010, a previsão do Grupo São Martinho é produzir 680 mil toneladas de açúcar, ante 555 mil na safra passada.

* Informações: Comércio, Indústria & Serviços

http://www.canaldoprodutor.com.br/noticias

Centro-Sul deve moer 9,7% a mais de cana em 2009/10, diz FCStone – Sítio Eletrônico da CNA – 06/07/2009

A região Centro-Sul do Brasil deve processar 554 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na safra 2009/10, alta de 9,7% sobre as 504,95 milhões de toneladas da safra passada, de acordo com previsão da consultoria FCStone. O levantamento aponta ainda que a produção de açúcar chegará a 32,3 milhões de toneladas, 20,7% superior ao volume de 26,75 milhões de toneladas de 2008/09, e que a produção de etanol deverá variar 3,6% se comparados os mesmos períodos, de 25,2 bilhões para 26 bilhões de litros.

A FCStone estima que a oferta do etanol hidratado no Centro-Sul será de 19 bilhões de litros, 12,7% acima do ciclo passado, enquanto a produção de anidro deve atingir 7 bilhões de litros, 15,1% abaixo de 2008/09. Já a qualidade da matéria-prima, medida pelo Açúcar Total Recuperável (ATR), terá pequena alteração de 0,9% na safra 2009/10 e deve ficar em 142,2 quilos por tonelada de cana processada.

Segundo a FCStone, o aumento na produção de açúcar ocorre pelos bons preços no mercado internacional, cuja valorização na Bolsa de Nova York atingiu 32,8% entre janeiro e junho deste ano. O movimento de alta é sustentado pelo déficit de oferta no mercado

mundial de açúcar, estimado em 5 milhões de toneladas pela consultoria. Paralelamente, os baixos preços do etanol no início da safra brasileira estimularam ainda mais a produção de açúcar no País.

A FCStone prevê que o mix de destino da matéria-prima processada será de 43% para o açúcar e 57% para o etanol nesta safra ante, respectivamente, 39,5% e 60,5% na safra 2008/09. No levantamento da consultoria foram avaliadas usinas que representam 38% do total de cana-de-açúcar prevista para ser moída na região Centro-Sul.

Agência Estado

Câmara de Açúcar e do Álcool analisa legislação do setor sucroenergético – Sítio eletrônico da CNA – 07/07/2009

Análise da legislação atual e apresentação de estudo sobre custo de produção agrícola e industrial do setor sucroenergético serão temas da 16ª reunião da Câmara Setorial de Açúcar e do Álcool, nesta quarta-feira (8/07/2009)), às 14 horas, em Brasília.

Os grupos temáticos (políticas agrícolas para a produção independente, regulação e abastecimento, questões sócioambientais, bioeletricidade) vão falar sobre trabalhos em execução.

Na ocasião, o ministro Reinhold Stephanes lançará o Anuário Estatístico da Agroenergia e será distribuído o Ementário Nacional da Agroindústria Canavieira, em CD-ROM.

Cosan faz a primeira venda de álcool combustível para o Japão – Estado de São Paulo – economia e negócios – 14/07/2009

O conglomerado sucroalcoooleiro Cosan fechou o primeiro contrato para exportação de álcool combustível para o Japão. A parceria, firmada com a Mitsubishi, prevê o fornecimento de etanol para utilização na produção de ETBE, combustível que está sendo utilizado em substituição ao metanol, por ser um agente oxigenante mais limpo. De acordo com a empresa brasileira, este é o primeiro contrato de longo prazo de fornecimento de etanol para o Japão, cobrindo o período de três anos.

Os preços serão determinados pelo indicador Esalq e a previsão é de que os volumes podem ultrapassar os 80 milhões de litros por ano. Segundo o diretor comercial da Cosan, Mark Lyra, um importante ponto desse acordo é a inclusão de itens de sustentabilidade como requisitos para sua realização. "Pontos como cumprimento das leis trabalhistas, a redução de gases de efeito estufa, e o respeito às normas ambientais fazem parte do acordo", disse o executivo.

Atualmente a Cosan possui capacidade de produção de 2,3 bilhões de litros de etanol por ano. Na safra 2008/09, a Cosan exportou 456,4 milhões de litros para os Estados Unidos e países da Europa e da Ásia.

No caso da Ásia, no entanto, até hoje os volumes exportados foram utilizados principalmente para fins industriais. Em maio do ano passado, a companhia também foi pioneira ao assinar o primeiro contrato com itens de sustentabilidade para fornecer o etanol combustível ao mercado sueco.

EMBARQUE

O primeiro embarque de etanol anidro para o Japão será efetivado ainda na safra 2009/10, provavelmente no último trimestre de 2009 ou primeiro trimestre de 2010, de acordo com Lyra. Segundo ele, o contrato de três anos fechado com a Mitsubishi é a base para uma parceria de longo prazo com o mercado japonês, que está iniciando agora uma política de utilização de etanol carburante como aditivo indireto na gasolina.

"Os japoneses estão preocupados com as metas de redução dos gases de efeito estufa que precisam cumprir, e a utilização do etanol irá auxiliar o país a reduzir a produção de dióxido de carbono", disse. Lyra afirma que o contrato de importação só foi possível porque a Cosan também possui políticas de sustentabilidade.

Para o executivo, as exportações de etanol para o Japão podem vir a atingir cerca de 10% das exportações totais da Cosan no longo prazo. "Neste momento, exportar 80 milhões de litros de etanol para um país que não importava nada é um grande feito", explica. Os preços do etanol serão fechados pelo índice Esalq no momento do embarque. A Mitsubishi irá repassar o produto brasileiro para as empresas japonesas produtoras de ETBE.

Segundo Lyra, a expectativa é de que as exportações de etanol do Brasil registrem uma pequena redução no segundo semestre. "No mercado interno, os preços estão subindo e nos Estados Unidos, as cotações do etanol estão caindo, seguindo o preço do milho e do petróleo", disse. Lyra explica que a janela competitiva existente no primeiro semestre para exportar para os Estados Unidos já se fechou, o que deve afetar as vendas neste segundo semestre. "Enquanto a janela existiu, contudo, as vendas foram significativas", afirmou.

NÚMEROS
80 milhões de litros por ano é a previsão de volume a ser exportado pela Cosan para o Japão
2,3 bilhões de litros por ano é a capacidade atual de produção da Cosan,
o maior grupo sucroalcooleiro do mundo
456,4 milhões de litros foram exportados pelo grupo na safra 2008/2009, para os Estados Unidos e países da Europa e da Ásia.

Usina de cana anuncia demissão de 300 em MS - Folha de São Paulo – Dinheiro – 03/07/2009

A companhia Brenco antecipou em 30 dias o fim do ciclo de plantio de cana em Mato Grosso do Sul e dispensou os cerca de 300 trabalhadores temporários que empregava na região de Costa Rica (340 km de Campo Grande).
De acordo com a empresa, a decisão foi tomada devido à necessidade de "concentrar recursos" no projeto de construção das unidades de processamento de cana e plantação de lavoura que estão previstas para entrar em operação em Mato Grosso e Goiás.
Segundo o diretor administrativo da companhia, Alfredo Freitas, o ciclo do plantio normalmente se estende por cerca de 90 a 100 dias. Em 2008, o término das atividades ocorreu no fim de junho, com mais de 35 mil hectares de área plantada. Neste ano, a meta de 16 mil hectares não foi alcançada.
"Fechamos com cerca de 13 mil hectares", disse Freitas, que atribuiu o plano de plantio menor à crise internacional. "Nosso plano foi impactado pela crise financeira. Como o cenário de capital é mais restrito, decidimos empenhar mais recursos na construção das unidades e fazer plantio menor."
Segundo Freitas, a crise afetou ainda o cronograma de implantação das unidades em Mineiros (GO), Alto Taquari (MT) e Costa Rica. "O financiamento do projeto demorou um pouco mais do que o planejado."
A Brenco busca, neste momento, captar R$ 530 milhões para o que o diretor chamou de "complementação".
Na mira da "lista suja" do Ministério do Trabalho, por causa de funcionários flagrados em condições degradantes em suas usinas, a empresa pode perder acesso a financiamentos de instituições públicas, como o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), que hoje detém 20% do capital da companhia.
"Não cogitamos essa hipótese [de entrar na lista]. A visão do Ministério do Trabalho é indevida. As moradias alvo da fiscalização eram dos próprios trabalhadores e não tinham a ver com a companhia."

Cosan anuncia acordo com grupo japonês para exportar – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/07/2009

A Cosan, maior grupo brasileiro de açúcar e álcool, afirmou ontem que fechou um contrato de longo prazo com o grupo japonês Mitsubishi para exportar o biocombustível ao Japão.

O contrato é válido por três anos e os preços vão variar segundo os praticados no mercado brasileiro.

Até 80 milhões de litros de álcool devem ser exportados por ano. No Japão, o combustível será transformado no aditivo ETBE.

A indústria japonesa usa o ETBE, feito através da mistura de etanol e isobuteno, em vez do álcool misturado diretamente com a gasolina, porque não exige modificações na rede de distribuição.

A Cosan tem capacidade anual de produção de 2,3 bilhões de litros de álcool no Brasil. Cerca de 20% da produção é exportada.

Há um ano o grupo brasileiro Copersucar fechou acordo com a Japan Biofuels Supply LLP para exportar até 200 milhões de litros por ano de álcool.

Diferença no preço de álcool chega a 28% - Fabiana Ribeiro e Ramona Ordoñez – O Globo – Economia – 14/0702009

Pesquisa do GLOBO em 14 postos mostra variações grandes até numa mesma região

Esperar para abastecer o carro apenas quando o tanque estiver vazio pode sair mais caro para o consumidor. Em vez disso, o melhor é pesquisar sempre. Levantamento feito pelo GLOBO em 14 postos no Rio mostra que é possível encontrar diferenças de 28,31% no preço do álcool.

No caso da gasolina, a diferença chega a 12,4%. Com isso, abastecer de emergência — e não naquele posto em que se sabe ter o preço mais em conta — pode doer no bolso.

No posto BR no Humaitá, o litro do álcool sai por R$ 1,899, 28,3% acima dos R$ 1,48 cobrados pelo Santa Isabel (sem bandeira) da Rua Mariz Barros na Tijuca. No BR no Humaitá, por sua vez, o litro da gasolina custa R$ 2,799 — 12,4% acima do que é cobrado num posto Shell da Tijuca e no Esso da Rua Frei Caneca (R$ 2,49).

De acordo com o levantamento, há diferenças relevantes nos preços entre postos da mesma região. Na Zona Sul, por exemplo, o Posto BR no Humaitá cobra R$ 1,899 pelo litro do álcool, o que é 18,7% acima do que se vê no Posto Ipiranga da Rua Pinheiro Guimarães em Botafogo (R$ 1,599). Na Tijuca, a pesquisa apontou uma diferença de 14,7% no valor do combustível.

No caso da gasolina, há variações na mesma região, mas são menores.

Na Tijuca, a gasolina pode ser comprada por até 8,03% a mais. Em Botafogo, a diferença apontada pelo levantamento foi de 5,66%.

a dos R$ 1,48 cobrados pelo Santa Isabel (sem bandeira) da Rua Mariz Barros na Tijuca. No BR no Humaitá, por sua vez, o litro da gasolina custa R$ 2,799 — 12,4% acima do que é cobrado num posto Shell da Tijuca e no Esso da Rua Frei Caneca (R$ 2,49).

De acordo com o levantamento, há diferenças relevantes nos preços entre postos da mesma região. Na Zona Sul, por exemplo, o Posto BR no Humaitá cobra R$ 1,899 pelo litro do álcool, o que é 18,7% acima do que se vê no Posto Ipiranga da Rua Pinheiro Guimarães em Botafogo (R$ 1,599). Na Tijuca, a pesquisa apontou uma diferença de 14,7% no valor do combustível.

No caso da gasolina, há variações na mesma região, mas são menores.

Na Tijuca, a gasolina pode ser comprada por até 8,03% a mais. Em Botafogo, a diferença apontada pelo levantamento foi de 5,66%.

O futuro do etanol – Luciana Franco - Revista Globo Rural – junho de 2009

O impacto da crise mundial começa a diminuir nas iniciativas destinadas ao setor sucroenergético. Já há oportunidades de investimento, e o capital voltou a circular no setor

O mercado brasileiro de etanol começa a dar sinais de recuperação. Após três anos de intensos investimentos, que ultrapassaram os US$20 bilhões destinados a ampliações e instalação de novas unidades no Brasil, o setor sucumbiu à crise financeira mundial, colocando grandes grupos em sérias dificuldades financeiras. "Muitas usinas que estavam construindo unidades se alavancaram, ficaram devendo e para fazer caixa ofertaram etanol no mercado a um preço muito baixo. Com isso as cotações relaxaram num momento em que a oferta e a demanda estavam bem equilibradas", diz Roberto Rodrigues, coordenador do GVAgro - Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas. Mas o impacto da crise mundial começa a diminuir com as iniciativas destinadas ao setor sucroenergético.

Segundo especialistas já há oportunidades de investimento e o capital voltou a circular no setor, embora em patamares inferiores aos registrados no primeiro semestre do ano passado.

A Petrobras, por exemplo, anunciou investimentos de US$2,8 bilhões na produção de biocombustíveis, incluindo o etanol. De acordo com o presidente da empresa, José Sergio Gabrielli, o Brasil é o único país do mundo em que o combustível alternativo é a gasolina, que hoje representa menos de 50% do mercado de veículos leves, proporção que passará para 17% em 2020. Já o etanol está presente em 22% dos veículos leves e pesados. Ainda segundo ele, os modelos flex fuel somarão 75% da frota em 2020.

É possível notar ainda uma maior profissionalização no setor e a consolidação dos negócios em torno de grandes grupos. "É provável que as empresas capitalizadas assumam os grupos em dificuldade", diz Rodrigues. Algumas companhias, inclusive, já iniciaram o movimento de fusões e aquisições. A Cosan anunciou recentemente a incorporação da Nova América Agro Energia, proprietária do açúcar União, o mais vendido no Brasil. E o grupo Santaelisa Vale teria iniciado negociações com a multinacional francesa Louis Dreyfus Commodities.

Essas e outras tendências para o mercado nacional e mundial de etanol foram discutidas em São Paulo no mês de junho durante a realização do Ethanol Summit, evento bianual do segmento sulcroenergético que contou com a presença de participantes de diversas partes do mundo. Para Bernard Chaud, vice-presidente do grupo investidor francês Tereos, o etanol é uma parte importante da indústria de combustíveis, principalmente porque a produção de combustíveis fósseis está caindo, enquanto cresce a fabricação de

fontes alternativas de energia, tornando a biomassa mais abundante e barata. O executivo ressaltou que, nos Estados Unidos e na Europa, o consumo de biocombustíveis ainda é baixo, ante o potencial existente para disseminar o uso do etanol, especialmente porque diminui a emissão de gases do efeito estufa. "Podemos substituir 10% do petróleo usado no mundo hoje", enfatizou Chaud.

Tal volume equivale a produção de 120 bilhões de litros de etanol por ano. E para que esse cenário seja alcançado é preciso que a fabricação de etanol seja disseminada para diversos países. Esse é justamente um dos pontos mais importantes de um memorando de entendimento sobre biocombustíveis assinado em 2007 entre o Brasil e os Estados Unidos, que, entre outras ações, tem a intenção de aumentar o número de países produtores de etanol a fim de promover a internacionalização do consumo, necessária para que o produto se consolide como uma commodity global.

"Esse memorando abre oportunidades não só bilaterais para os dois países signatários, mas também para outras nações", destacou André Amado, subsecretário de Energia e Alta Tecnologia do Itamaraty. Entre os principais benefícios está a disseminação do modelo de negócios criado no Brasil a partir da cana-de-açúcar, que pode favorecer países emergentes, especialmente os localizados nos trópicos. "Já estamos realizando estudos de viabilidade e consultoria para a implantação de projetos de cana em Honduras e em El Salvador. Há iniciativas semelhantes sendo conduzidas no Haiti para a implantação de uma usina de biomassa", exemplificou César Cunha Campos, diretor executivo da FGV Projetos, da Fundação Getúlio Vargas.

Temas como a exportação de etanol, tarifas, abertura de mercados, critérios de sustentabilidade e regras de comércio também foram discutidos. Representantes do Brasil, dos Estados Unidos e do Reino Unido defenderam a posição de seus países. Ficou evidenciado que ainda há um longo caminho a ser percorrido em busca de um consenso que atenda aos interesses globais e de cada país.
Bob Dinneen, presidente da Associação de Combustíveis Renováveis dos Estados Unidos, sugeriu que o Brasil não abandone o programa internacional devido a barreiras de proteção, argumentando que o programa americano não é um obstáculo para a entrada do produto brasileiro: "Se querem que nos Estados Unidos não tenhamos uma tarifa, os americanos estariam subsidiando o Brasil", defendeu.

O presidente Barack Obama já se declarou comprometido com a produção de biocombustíveis, incentivando o envolvimento das indústrias com o desenvolvimento de fontes alternativas de energia a médio e longo prazos. Já André Amado reforçou que a questão é considerada estratégica pelo governo brasileiro, pois o Brasil pode exercer influência mundial com o conhecimento que acumulou sobre o uso e a viabilidade do etanol de cana como combustível alternativo.

Outra tendência apontada durante o evento foi a certificação da qualidade dos biocombustíveis como meio de acesso ao mercado internacional. No ano passado, a Europa estabeleceu critérios para a sustentabilidade que devem ser seguidos pelos 27 países-membros. O objetivo é reduzir em 23% as emissões de gases de efeito estufa pela melhoria

e incorporação de biocombustíveis em 10%. "Essa meta aumentará o consumo de biocombustíveis, o que exigirá importação do Terceiro Mundo, mas não serão usados biocombustíveis sem critérios de sustentabilidade", defendeu a diretora de Energia e Transportes da Comunidade Europeia, Alexandra Langenheld.

O ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton também condicionou o apoio americano ao programa do etanol brasileiro à sustentabilidade do biocombustível de cana-de-açúcar. Para o físico José Goldemberg, a preocupação com a derrubada das florestas é infundada, uma vez que existem mais de 100 milhões de hectares de pastagens degradadas no país e, se a área de produção de cana crescer, será sobre esse terreno. "O problema com a destruição das florestas é inexistente. Até porque elas já foram destruídas 50, 100 anos atrás", diz

Na avaliação de Goldemberg, a produção de etanol de primeira geração ainda pode progredir muito e atingir níveis de produtividade bem superiores aos atuais, antes das conquistas tecnológicas prometidas pela segunda geração do biocombustível, cujo processo prevê o uso de enzimas capazes de quebrar moléculas de celulose. "As enzimas para a produção de etanol de segunda geração são ainda muito caras", diz. O cientista defende a conquista de maior eficiência na produção de etanol, ampliando o volume extraído por tonelada de cana-de-açúcar, hoje na faixa de 80 litros. "Basta para isso a autorização do governo para a manipulação genética da cana-de-açúcar", comenta.

A Unica - União da Indústria de Cana-de-Açúcar desenvolveu um importante projeto para a área trabalhista do setor canavieiro. Trata-se do RenovAção, que será o primeiro e maior programa de requalificação profissional promovido pelo setor e nasceu com a finalidade de recolocar no mercado de trabalho cortadores de cana que serão dispensados nos próximos anos em decorrência do avanço da mecanização da colheita de cana-de--açúcar. "Por ano, requalificaremos 7 mil cortadores de cana", diz Marcos Jank, presidente da entidade. O programa tem o apoio do BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento, além da participação da Feraesp - Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo e das empresas John Deere, Case IH e Syngenta. A expectativa é que 4 mil pessoas sejam treinadas e reaproveitadas no setor sulcroalcooleiro. Outros 3 mil trabalhadores serão preparados para operar em outras atividades como horticultura, jardinagem, hotelaria, avicultura, construção civil, entre outros. "Identificamos os cursos necessários e partir desse mapeamento iremos atrás de instituições interessadas em aderir ao nosso projeto", diz Jank. A empresas de máquinas agrícolas envolvidas na empreitada serão responsáveis pelo treinamento de operadores de tratores e colheitadeiras. Já a Syngenta, empresa que inovou o plantio da cana, formará profissionais aptos à automatização do plantio, feito por meio de gemas. O setor sulcroalcooleiro conta com 450 mil trabalhadores manuais, que atuam no plantio e na colheita da cana-de-açúcar.

Outro projeto desenvolvido pela entidade, o Agora - Agroenergia e Meio Ambiente, tem como objetivo destacar o papel positivo do etanol em questões relacionadas às mudanças climáticas e ao meio ambiente. Umas das campanhas educativas desse programa visa à conscientização de professores e alunos sobre formas de mitigar o aquecimento

global. Denominada Desafio Mudanças Climáticas, a iniciativa envolverá mais de 11 mil escolas, 47 mil docentes e 2,3 milhões de jovens que cursam a 7a e a 8a séries. O projeto premiará os 70 melhores trabalhos inscritos em todo o país.

John Deere fecha acordo para avançar no mercado de cana – Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios – 02/07/2009

A John Deere e a Auteq Telemática assinaram ontem acordo para que a empresa de tecnologia passe a vender seus produtos na rede de distribuição da fabricante de máquinas agrícolas. A linha de computadores de bordo e softwares da Auteq, destinada especificamente para o acompanhamento do desempenho do trabalho de máquinas agrícolas, será voltada para o maquinário utilizado nas lavouras de cana-de-açúcar.

Por meio da joint venture, a rede de lojas da marca John Deere, que tem 165 unidades no país, passará a ser o principal canal de distribuição da Auteq, afirma Tácito de Almeida, diretor industrial da empresa de tecnologia. Para a John Deere, abre-se a possibilidade de comercialização de máquinas com maior valor agregado, o que pode ajudar a impulsionar as receitas da companhia. O setor de máquinas agrícolas tem enfrentado quedas consecutivas de vendas nos últimos meses como decorrência da crise financeira global.

Inicialmente, os acessórios serão vendidos separadamente, mas a John Deere pretende fazer com que as máquinas já saiam de suas fábricas com o equipamento. "Queremos isso o mais breve possível", diz Aaron Wetzel, presidente da John Deere Brasil e vice-presidente de vendas e marketing da companhia para a América Latina.

"A aliança tem uma importância estratégica", afirma o executivo. A John Deere já tem uma fatia considerável do mercado de máquinário agrícola voltado às lavouras de cana-de-açúcar, mas os adicionais podem contribuir para elevar o faturamento da empresa no Brasil. "O mercado todo tem enfrentado momentos difíceis com a crise financeira. Uma das maneiras para melhorar o quadro é diversificar a linha de produtos", disse.

Os mercados emergentes em geral, e o Brasil em particular, ganharam peso maior nos negócios da John Deere nos últimos anos. A empresa já revelou sua preocupação com o impacto que a crise financeira global pode ter sobre as vendas nesses países. Em maio, a companhia admitiu que o recuo das vendas na América do Sul pode chegar a 30% - três meses antes, a previsão de queda era de 25%.

A John Deere interrompeu a produção de colheitadeiras na unidade de Horizontina (RS), mas já informou que as atividades serão retomadas neste mês. Ainda assim, o executivo é reticente em fazer previsões mais otimistas para o mercado. "É difícil saber quando a demanda vai voltar aos níveis do fim de 2008 ou do início do ano", disse.

Moagem de cana avança no Centro-Sul, apesar da chuva – Valor Econômico – Agronegócios – 02/07/2009

A moagem de cana da safra 2009/10 no Centro-Sul do país segue avançada, com um volume processado de 142,146 milhões de toneladas até o dia 16 de junho, um aumento de 32% em relação a igual período do ano passado, segundo a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica).

As chuvas durante a primeira quinzena de junho reduziram o ritmo de moagem para 32,636 milhões de toneladas, alta de 4,17% sobre o mesmo período de 2008.

Ontem, o Instituto de Economia Agrícola (IEA), vinculado à Secretaria de Agricultura de São Paulo, divulgou suas estimativas para a atual safra. Em São Paulo, a área plantada de cana deverá atingir 5,4 milhões de hectares, recuo de 5%. A produção totalizará 414,3 milhões de toneladas.

A oferta de café para esta safra será de 4,1 milhões de sacas beneficiadas, 8,8% menos que a obtida no ciclo anterior. Já a produção paulista de soja terá queda de 5,6%, para 1,19 milhão de toneladas. A oferta de milho no Estado cairá 10%, para 3,4 milhões de toneladas. Com recuo de 41,7%, a produção de amendoim atingirá 15 mil toneladas.

Usinas de PE assinam pacto trabalhista – Carolina Mandl – Valor Econômico – Agronegócios – 06/07/2009

Depois de uma força-tarefa realizada pelo Ministério Público do Trabalho que constatou irregularidades em dez das dez usinas inspecionadas em Pernambuco, 22 usineiros do Estado assinaram, na sexta-feira, um documento se comprometendo a melhorar as práticas trabalhistas do setor sucroalcooleiro. Em troca, as falhas verificadas anteriormente não serão cobradas.

Batizado de "Termo de Compromisso e Ajustamento de Conduta" (TAC), o documento foi assinado depois que um acordo foi fechado entre usinas, governo estadual, Sindaçúcar (sindicato das empresas), Justiça, Ministério Público e Fetape (Federação dos Trabalhadores na Agricultura).

Entre os compromissos exigidos pelo termo dos usineiros estão as garantias para os canavieiros de equipamentos de segurança no trabalho, água potável e fresca, instalação de banheiros nas frentes de trabalho e marmitas térmicas. Essas foram algumas das irregularidades encontradas pelo Ministério Público durante a fiscalização feita em março.

Segundo o documento, os compromissos devem começar a ser cumpridos imediatamente. Em alguns casos, foi fixado um prazo para a completa implementação da medida, como é o caso da água potável (30 dias) e dos sanitários (90 dias). Em caso de

descumprimento do termo, as usinas estão sujeitas a multas de R$ 10 mil por cláusula descumprida mais as multas trabalhistas normais.

De acordo com Otávio Brito Lopes, procurador-geral do Trabalho, Pernambuco é o primeiro Estado a conseguir unir todo o setor sucroalcooleiro em torno de um acordo comum. Em outros locais, como Alagoas e Rio Grande do Norte, foi preciso que primeiro fossem feitas ações judiciais contra as empresas para que depois elas assinassem um termo de acordo. As usinas alagoanas receberam uma multa de R$ 1 milhão.

"A vantagem desse tipo de termo firmado coletivamente é que todo o setor se compromete a executar os procedimentos. Assim, todos terão os mesmos custos de implementação, ninguém tem vantagens", diz Lopes.

Renato Cunha, presidente do Sindaçúcar-PE, não sabe estimar o quanto será preciso investir para a indústria se adequar às regras. Na safra 2008/09, a indústria sucroalcooleira pernambucana produziu 19,2 milhões de toneladas de cana, empregando 100 mil trabalhadores, segundo estimativas do sindicato

Cana recua, mas carnes puxam alta de índice paulista de preço – Valor Econômico – Agronegócios – 07/07/2009

O aumento médio de 7,28% nas cotações do grupo de produtos de origem animal garantiu, em junho, a valorização mensal de 0,56% do IqPR, índice de preços recebidos pelos produtores agropecuários paulistas pesquisado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), vinculado à Secretaria da Agricultura do Estado.

No grupo "altista", o ganho médio foi puxado pelos saltos de carne suína (21,48%), carne de frango (16,88%) e leite C (10,5%), mas também houve altas nos casos de leite B (5,94%), ovos (4,96%) e carne bovina (2,3%).

Conforme o IEA, a disparada da carne suína refletiu a reabertura de mercados no exterior e a "superação das desconfianças do consumidor interno" diante da gripe A(H1N1). A carne de frango, segundo o instituto, respondeu à retração da produção, que já começou a dar sinais de recuperação.

O grupo de produtos de origem vegetal registrou variação negativa média de 2,15% no mês passado. As maiores baixas foram as da laranja para mesa (13,01%) e da banana nanica (8,31%), mas a mais importante foi a da cana (3,16%), que tem maior peso na formação do indicador do IEA. Não fosse a cana, o grupo dos vegetais teria recuado apenas 0,77% e o IqPR teria subido 3,15%.

Brasil vai abocanhar 50% das exportações mundiais de açúcar – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 08/07/2009

Depois de ceder espaço no mercado internacional de açúcar para a Índia nos últimos anos, em parte por causa do aumento da produção doméstica de etanol, o Brasil volta a se destacar nos embarques da commodity. O país deverá encerrar esta safra 2009/10 com participação de 50% nas exportações mundiais de açúcar, dez pontos percentuais a mais que no ciclo 2008/09, segundo levantamento da Job Economia e Planejamento.

Com o caminho aberto pela saída da Índia da ponta exportadora, os embarques das usinas brasileiras deverão bater recorde absoluto na temporada, com cerca de 26 milhões de toneladas. Se confirmadas as estimativas, a elevação em relação a 2008/09 será de 24%. Segundo Júlio Maria Martins Borges, presidente da Job, o volume previsto também é considerado limite para a atual capacidade dos portos brasileiros.

Em receita, as exportações da safra 2008/09 atingiram US$ 6 bilhões e podem crescer expressivamente em 2009/10, considerando-se os preços médios praticados até agora na temporada. Só para se ter uma ideia, o volume exportado nos últimos dois meses soma 4,387 milhões de toneladas, alta de 33,7% em relação ao mesmo período de 2008. Os preços médios embarcados do açúcar demerara e VHP (Very High Polarization) ficaram em US$ 299 a tonelada, 11% acima sobre igual período de 2008. A cotação média do refinado ficou em US$ 331 a tonelada, alta de 10% em relação a igual período do ano passado, segundo a Job.

O avanço do Brasil no mercado global de açúcar tem a Índia como principal vetor. Segundo maior produtor mundial, a Índia chegou até a ameaçar, há duas safras, a liderança do Brasil na produção da commodity. Mas com a queda dos preços internacionais do açúcar, os produtores indianos decidiram investir em culturas mais atraentes. A forte queda da produção naquele país, para cerca de 15 milhões de toneladas, e os baixos estoques levaram as indústrias locais a voltar a importar açúcar para suprir suas necessidades.

A mesma Índia, que abocanhou mercados antes ocupados pelo Brasil, como o Oriente Médio, África e Ásia, agora abre espaço para as usinas do país retomarem os negócios com seus antigos clientes, observou Martins Borges. "Nos últimos cinco meses, a Índia se tornou o segundo maior importador de açúcar brasileiro, atrás da Rússia."

Maior produtor e exportador de açúcar, o Brasil puxou o freio nos últimos anos para se dedicar ao combustível renovável, que prometia forte potencial de avanço no mercado global. Com a decisão estratégica de investir no mercado de etanol, o Brasil estacionou entre 35% e 40% sua participação no mercado mundial de açúcar.

Segundo Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar), o Brasil deverá produzir um volume adicional de 4,5 milhões de toneladas de açúcar nesta safra, o equivalente a 3 bilhões de litros de álcool. A produção nacional deverá ser de 36 milhões de toneladas, 15% mais sobre a safra passada. Padua acredita que a recuperação dos preços do álcool ocorrerá nos próximos meses. "O consumo de álcool está fortemente aquecido com as vendas dos carros flexfuel".

Os embarques brasileiros de álcool tiveram forte destaque nos últimos anos, saindo de 94 milhões de litros em 2000/01 para 4,7 bilhões de litros na safra passada, mas não foram suficientes para que as usinas deixassem o açúcar de lado. O recuo dos preços do petróleo, o que tirou a competitividade dos combustíveis alternativos, e a maior oferta do produto no mercado, com a consequente queda das cotações no mercado internacional, frearam os ânimos do setor sucroalcooleiro no Brasil. Para esta safra, os embarques devem cair para 3,5 bilhões a 4 bilhões de litros.

No mercado interno, os preços do álcool recuaram fortemente durante o início do ano, período de entressafra da cana no Centro-Sul, o que estimulou as usinas a elevar sua produção de açúcar, cujos preços estão atraentes. No acumulado do ano, a valorização da commodity na bolsa de Nova York é de 42%. Ontem, os contratos para janeiro fecharam a 17,48 centavos de dólar por libra-peso.

Datagro: 25 grupos concentram 49,1% da moagem de cana – Sitio eletrônico da CNA – 20/07/2009

Os 25 maiores grupos sucroalcooleiros do Brasil foram responsáveis, na safra 2008/09, por 49,1% do processamento de cana-de-açúcar de todo o País. O volume de cana processado no período analisado foi de 569,3 milhões de toneladas. Estas mesmas empresas foram responsáveis por 56,8% do açúcar e por 45,4% do etanol produzido no Brasil na mesma safra, de acordo com levantamento realizado pela consultoria Datagro.

Na comparação com a participação dos 25 maiores grupos sucroalcooleiros do Brasil na moagem safra 2006/07, a percentagem não mudou. As 25 maiores empresas do setor também processaram 49% do total da cana disponível naquele período, de 428 milhões de toneladas. Porém, a participação destas empresas na produção de açúcar e álcool era menor, respectivamente, de 53% e 42%. O consultor e presidente da Datagro, Plínio Nastari, atribui este crescimento na participação das 25 maiores empresas na produção de açúcar de 53% para 56,8% e de etanol de 42% para 45,4% em grande parte ao seu aumento de produtividade.

"É evidente que estas empresas estão conseguindo produzir mais a partir da mesma matéria-prima. Mas devemos tomar cuidado também com o mix de produção que muda de safra para safra", disse. Na safra 2008/09, Nastari explica que o mix da 25 maiores empresas do setor ficou em 46,3% para o açúcar e 53,7% para o álcool.

O grupo Cosan lidera o ranking de moagem de cana e produção de açúcar e etanol, com o esmagamento de 52,6 milhões de toneladas de cana na safra 2008/09. A participação da Cosan na moagem total foi de 9,25%. De acordo com os cálculos da Datagro, a Cosan foi uma das únicas empresas que aumentou sua participação nas duas últimas safras. Em 2006/07, a Cosan processou 36,6 milhões de t de cana e tinha uma participação de 8,55%.

Na vice-liderança, ficou a Santa Elisa Vale com a moagem de 17,7 milhões de toneladas. Na terceira posição está a Louis Dreyfus, com a moagem de 13,81 milhões de t e participação de 2,4%, a mesma registrada na safra 2006/07. O Grupo Tereos ocupa a quarta posição com moagem de 13,80 milhões de t e participação de 2,4%, também semelhante à registrada em 2006/07.

Agência Estado

Queima de cana cai 43% na região de Ribeirão Preto – Sítio Eletrônico da CNA – 28/07/2009

A média diária de hectares de cana-de-açúcar queimados para colheita caiu 43% neste ano na região de Ribeirão, em comparação com 2008, segundo levantamento realizado pelo Jornal Folha de São Paulo com base em dados da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

No ano passado, as regiões administrativas de Ribeirão, Franca, Barretos e Central (São Carlos e Araraquara) queimaram 799.504 hectares de canavial em todo o ano, o que dá uma média de 3.807,2 hectares por dia (considerando o período de abril a novembro).

Nos quatro primeiros meses de queimadas intensas em 2009 (de abril a julho), a mesma região teve queimados 260.175 hectares, uma média de 2.168,1 por dia.

Para efeito de comparação, em 2008 as usinas da região ateavam fogo em uma área equivalente a 4.614 vezes à do gramado do Maracanã, o maior do país, por dia. Neste ano, queimam-se 2.628 Maracanãs por dia.

A queda é reflexo direto do Protocolo Agroambiental, assinado em 2007 pelas principais usinas e pelo Estado. O documento prevê a extinção das queimadas até 2014. A região de Ribeirão é a mais avançada no processo.

Para o agrônomo Ricardo Viegas, coordenador do projeto Etanol Verde, da Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), o avanço significativo do programa, que é mais acelerado na região de Ribeirão, é apenas mais um indicativo de que o protocolo será cumprido à risca.
O nosso planejamento é claro: embora os fazendeiros ainda façam pedidos de queima grandes, pois estão dentro da lei, reduzimos cada vez mais as autorizações. É uma questão simples de gerenciamento.

Para o diretor regional da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar), Sérgio Prado, é notória a redução da queima nos últimos três anos.

* Autor: Roberto Madureira, do Jornal Folha de São Paulo desta terça-feira - 28/07/2009.

Grupos logísticos assumem os canaviais – Sítio Eletrônico da CNA – 29/07/2009

Grandes grupos especializados em logística encontraram na cana-de-açúcar um novo mercado para diversificar suas áreas de atuação. E, dependendo de como forem nos primeiros meses da chamada operação CCT (corte, carregamento e transporte), em breve poderão cuidar também da preparação do solo e do plantio da cana para as usinas de açúcar e álcool. O contrato mais recente foi firmado entre os grupos Gafor e Cosan, girando em torno de R$ 350 milhões em cinco anos.

A contratação de operadores logísticos para o CCT é inspirada no setor de papel e celulose, onde a relação entre as partes já é bastante desenvolvida. No caso da cana-de-açúcar, o CCT chega a representar 25% do custo operacional de uma usina.

Para atender a Cosan, o grupo Gafor prevê investir cerca de R$ 80 milhões em ativos, como caminhões, colheitadeiras e implementos rodoviários. Segundo Luiz Henrique Lissoni, diretor da divisão de logística do grupo, o CCT para a Cosan tem um volume de mais de três mil toneladas por dia. A empresa atende a usina Bonfim, localizada em Guariba (SP).

Na usina Gasa, instalada em Andradina (SP), a Cosan contratou o grupo Julio Simões para ser responsável pelo CCT. Além da Cosan, o operador logístico também possui contratos com a Clealco e Brenco. De acordo com Fábio Velloso, diretor-executivo de operações e serviços da Julio Simões, até 2013 os três contratos vão representar cerca de R$ 550 milhões no faturamento da empresa.

Do lado da Cosan, Pedro Mizutani, vice-presidente geral da companhia, informou ao Valor que a decisão de terceirizar os serviços num formato de testes foi tomada no fim do ano passado. Este é um serviço que não é expertise da usina. Então, vale a pena contratar empresas especializadas, disse Mizutani. Segundo ele, se as empresas contratadas forem eficientes, a expectativa é de redução dos custos do grupo em até 10%. A companhia

processa quase 60 milhões de toneladas de cana por ano.

Mizutani pondera também que a companhia reduz o investimento, mas eleva os custos operacionais, uma vez que tem de pagar pelo serviço terceirizado.

Tanto a Gafor como a Julio Simões atuam no segmento de papel e celulose. Consultadas pela reportagem, as duas companhias acreditam que há espaço para chegar ao mesmo nível de atuação no setor sucroalcooleiro. Para as empresas de papel e celulose, além do CCT, as duas prestam serviços de movimentação interna, armazenagem, transporte do produto acabado, entre outros.

A terceirização do CCT vem de encontro à redução da utilização de mão-de-obra na colheita de cana. A mecanização no Estado de São Paulo, maior produtor de cana do país, atingiu 49,6% do total da área plantada na safra 2008/09. O índice deverá superar 50% nesta atual safra, afirmou Antonio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar).

Segundo Pádua, os projetos de usinas greenfield (construção a partir do zero) já contemplam mecanização em quase 100% da área plantada. Nos Estados onde esses projetos avançam, como os da região Centro-Oeste e Minas Gerais, a mecanização é maior, diz.

O governo do Estado de São Paulo antecipou o fim da queima dos canaviais em áreas planas de 2021 para 2014 . Em áreas de declive, o fim das queimadas passou de 2031 para 2017. São Paulo tem apenas 5% de áreas com topografia acidentada. A decisão deverá favorecer o aumento da mecanização nos canaviais. Isso vai abrir oportunidades para serviços terceirizados, disse Pádua.

E é nesse mercado que os operadores logísticos pretendem ampliar presença. De acordo com Lissoni, da Gafor, o próximo passo das usinas será a terceirização do plantio e da preparação do solo. A divisão logística do grupo atua também nos segmentos de alimentos , químico, internacional e de cargas em geral.

Desses, apostamos na agroindústria e no transporte internacional como os principais vetores de crescimento da empresa nos próximos anos, afirmou o executivo, ao ressaltar

que o mesmo tipo de serviço poderá ser prestado no curto prazo para a colheita da soja.

Outra usina que tem apostado na terceirização do CCT é a ETH Bioenergia, que pertence ao grupo Odebrecht. A empresa informou ter como parceiros a Ouro Verde e a Luft. Com a Luft, o contrato prevê apenas a locação de equipamentos para a colheita mecanizada.

Segundo Vladimir Donega, diretor comercial da Luft, a empresa ainda não entrou no CCT, mas isso deverá ocorrer em 2010. Por enquanto o nosso forte é a aplicação de defensivos agrícolas, disse Donega, ao informar que esse serviço para as usinas significa um faturamento de R$ 10 milhões ao ano.

* Autores: Guilherme Manechini e Mônica Scaramuzzo. Noticia publicada no Jornal Valor Economico desta quarta-feira - 29/07/2009.

Exportação de açúcar cresce 53% e bate recorde – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 20/07/2009

Enquanto a maior parte das commodities exportadas pelo Brasil perdeu valor no primeiro semestre de 2009, as exportações de açúcar bateram recorde e responderam por 22% do superávit da balança comercial no período, que totalizou US$ 13,9 bilhões.

A forte demanda internacional e o câmbio favorável fizeram com que as exportações saltassem de US$ 2,07 bilhões, nos primeiros seis meses de 2008, para US$ 3,18 bilhões, de janeiro a junho deste ano, um crescimento de 53% em valor, o maior entre as principais matérias-primas da pauta de exportações do País.

Juntos, açúcar e etanol responderam por 27% do superávit da balança comercial brasileira. No entanto, em volume, as vendas de etanol ao exterior recuaram 25% em relação ao primeiro semestre de 2008. Até junho deste ano, o País exportou 1,45 bilhão de litros de etanol, contra 1, 97 bilhão de litros em igual período do ano passado.

"O momento é excepcional para o açúcar e compensa a queda nas exportações de etanol. O mais importante é que, como o Brasil não faz importação de açúcar, na prática é superávit direto para a balança brasileira", afirma Antonio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica).

Os principais destinos das exportações brasileiras de açúcar foram a Rússia (1,7 milhão de toneladas, o que representa 16% do total), Índia (1,6 milhão de toneladas, 15% do total),

seguidos de Bangladesh (600 mil toneladas) e Emirados Árabes Unidos e Nigéria (ambos com 500 mil toneladas cada um).

O cenário favorável para o açúcar brasileiro é fruto da queda na produção global da commodity. A Índia, que na safra 2007/2008 havia produzido 27 milhões de toneladas de açúcar, reduziu drasticamente sua produção na safra seguinte, para 14,5 milhões de toneladas. A quantidade foi insuficiente para abastecer seu grande mercado interno, que consome em torno de 22,5 milhões de toneladas. "Rapidamente a Índia passou de exportadora a importadora, e o único país com capacidade para suprir essa demanda é o Brasil", diz Rodrigues. A expectativa para esta safra é produzir um excedente entre 4,5 milhões e 5 milhões de toneladas de açúcar para abastecer os mercados internacionais.

Mudança de Rumo

Como a indústria brasileira produz açúcar e etanol da mesma matéria-prima - a cana - as usinas conseguem adaptar a produção ao sabor do mercado, alterando a prioridade de um para outro produto. Nesta safra devem direcionar, em média, 42% da produção para o açúcar.

Entre os principais grupos do setor de açúcar e álcool, essa decisão foi tomada logo no início da atual safra 2009/2010. É o caso da Cosan, que decidiu direcionar 55% da produção para o açúcar. Este ano, a companhia vai moer 56 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, 12 milhões a mais em relação à safra anterior. "Tomamos a decisão no primeiro dia de safra de usar o máximo de nossa capacidade instalada para produzir açúcar", diz Carlos Murilo Barros de Melo, diretor comercial da Cosan. A decisão da companhia, atualmente o maior grupo de açúcar e álcool do mundo, não podia ser mais acertada. "Os preços do açúcar estão em média 45% superiores aos do etanol. O panorama é muito positivo, pois ao contrário do primeiro semestre de 2008, o câmbio está em patamar favorável ao exportador", diz o diretor.

Outro grande grupo de açúcar e álcool, a Usina São Martinho, que tem duas unidades produtivas em São Paulo e uma em Goiás, também deu prioridade ao açúcar nesta safra: o açúcar vai crescer 20% e deve representar em torno de 40% da produção. Este ano, a empresa vai moer 13 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, 1 milhão a mais que na safra anterior.

"O açúcar deve manter um preço atraente no médio prazo. Dificilmente a Índia voltará aos níveis de produção registrados há três anos, o que significa que o déficit no mercado internacional continuará pelos próximos dois anos", diz João do Val, diretor de relações com investidores da Usina São Martinho. A expectativa é que ao longo de 2009 o preço do açúcar no mercado internacional se mantenha em torno de US$ 0,15 por libra-peso, uma valorização média de 20% em relação a 2008.

"O cenário para os próximos três anos é de que o preço do açúcar se mantenha em patamares bastante atrativos", diz Narciso Bertholdi, gerente comercial do Grupo Usina São João, de Araras (SP), que também possui duas unidades em Goiás. Na atual safra, o grupo, que deve moer 8 milhões de toneladas, vai direcionar 60% da produção para o açúcar.

Números

US$ 3,18 bilhões foi o total movimentado pelas exportações de cana de açúcar no primeiro semestre deste ano.

53% é a taxa de crescimento dessas exportações em relação ao mesmo período de 2008, quando a cana de açúcar movimentou US$ 2,07 bilhões.

O etanol e o sorriso da minhoca brasileira – Rogério Cezar de Cerqueira Leite – Folha de São Paulo – Opinião – 29/07/2009

NA ÚLTIMA Conferência Europeia de Biomassa, os vários representantes da União Europeia mostraram suas garras. Insistiram em alertar o público sobre a ameaça que os biocombustíveis (especificamente o etanol brasileiro) representam para a produção de alimentos. Interessantemente, a comunidade científica presente não se mostrava interessada nessa perspectiva, pois, entre centenas de palestras, nenhuma versava sobre o assunto.

Traduzindo em miúdos, a preocupação dos próceres da UE é que a expansão da área plantada de cana-de-açúcar no Brasil invada culturas de alimentos. Como consequência, o alimento que deixasse de ser produzido aqui teria de sê-lo alhures (que Cony me perdoe, **Folha**, 23/7).

Ora, essa preocupação não é certamente por causa dos mais de 1 bilhão de miseráveis que estão fora da Europa, já que a fome não é consequência da falta de alimentos, mas da falta de recursos financeiros e capital social.

Também é fato o quase inteiro abandono em que se encontram países africanos e outros que só recebem ajuda de qualquer espécie em momentos de crise e cuja miséria é, em grande parte, fruto de séculos da exploração que sofreram dos ditos impérios europeus.

A África poderia ser um formidável produtor e exportador de alimentos. E, sob esse aspecto, a redução da oferta de alimentos devido à produção de biocombustíveis no Brasil, se por acaso viesse a ocorrer, seria antes um benefício para a humanidade. Por outro lado, se o Brasil viesse a reduzir sua exportação de soja ou de carne bovina em

benefício da produção de biocombustíveis, haveria um enorme ganho para o brasileiro, não só porque, com a adição de valor à matéria-prima vegetal, criar-se-iam empregos mais bem remunerados, mas também porque geraria riqueza comparável, se não superior, à esperada com essa exploração, a desoras, do pré-sal (dessa vez Cony me mata).

Ou seja, a União Europeia prefere sacrificar o bem estar do brasileiro a reduzir o alimento para engorda de leitões que enchem suas rotundas panças no Natal (pois é para isso que serve a soja) ou a barata carne brasileira para encher as barrigas de seus cães poodles e gatos siameses.

Se eu não tivesse a certeza de que os governos europeus e seus cientistas assalariados têm as melhores das intenções, eu desconfiaria de que defendem mesquinhos interesses comerciais, esquecendo-se inteiramente de que o etanol de cana-de-açúcar é o que até hoje existe de melhor para combater o aquecimento global. Simultaneamente, a campanha contra o etanol brasileiro vem usando um outro sofisma chamado mudança de uso do solo.

Se é derrubada uma parcela da floresta amazônica para plantar cana-de-açúcar, o dióxido de carbono emitido, para ser compensado pelo etanol produzido para substituir o petróleo, precisaria de 500 anos.

A derrubada de toda a floresta amazônica corresponde, quanto ao conteúdo de carbono, a aproximadamente todo o petróleo já queimado pela humanidade somado ao que ainda virá a ser usado das reservas conhecidas e a serem descobertas na Terra. Eis por que desmatar é crime contra a natureza e contra a humanidade e deve ser punido implacavelmente.

Esse efeito, a emissão de CO2 e outros gases de efeito estufa (GEE), ocorre em qualquer que seja a mudança de uso do solo, inclusive para o cerrado. Mas esta denominação, cerrado, é extremamente imprecisa. Há cerrados com vegetação abundante e solos ricos em vida, e há cerrados que são pouco mais que um deserto.

A União Europeia adotou arbitrariamente um parâmetro, 17 anos, para compensar, com a substituição da gasolina por etanol, os GEE emitidos durante a mudança de solo.

Ora, até o presente, menos que 2% da expansão da cana se fez no cerrado, e isso corresponde a menos que 0,1% do restante do cerrado atual. A expansão futura se fará muito provavelmente em pastagens e plantações abandonadas, como já vem ocorrendo, onde haverá ganhos imediatos em carbono contido até mesmo no que diz respeito à fauna e à flora do solo.

Quem já pôs a mão na enxada sabe que a minhoca esperneia não de aflição, mas de felicidade, por receber um solo mais permeável e rico em nutrientes, quando plantamos algo no solo desgastado pelo pasto ou no cerrado desnudo e seco. Deixemos de lado as críticas insólitas de ecoidiotas, cientistas assalariados e lobistas pagos pelas companhias de petróleo e pelos exportadores de alimentos e façamos sorrir a minhoca brasileira com suculentas plantações de cana-de-açúcar que contribuirão para salvar o meio ambiente para nossos filhos e netos.

ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE , 78, físico, é professor emérito da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), presidente do Conselho de Administração da ABTLuS (Associação Brasileira de Tecnologia de Luz Síncrotron) e membro do Conselho Editorial da **Folha**.

Crise atropela megaprojeto de etanol – Aguinaldo Novo – O Globo – O País – 18/07/2009

Brenco, que planejava construir 12 usinas, acumula dívidas e busca sócios

SÃO PAULO. Era para ser o maior projeto de etanol e energia renovável do Brasil, mas a crise econômica e a queda de preços ameaçam atropelar os planos da Brenco.

A empresa, criada há pouco mais de dois anos, está à procura de um ou mais sócios dispostos a injetar pelo menos R$ 300 milhões na operação.

Com dificuldades para levantar novos recursos, a Brenco já foi obrigada a adiar o cronograma de abertura de usinas e o pagamento de fornecedores.

No fim de junho, um acordo entre os atuais acionistas definiu um aporte adicional de R$ 580 milhões, que se somaram ao R$ 1,8 bilhão investido inicialmente no negócio. O BNDES, que já havia entrado com R$ 1,2 bilhão na primeira fase, concordou em emprestar mais R$ 150 milhões na forma de debêntures conversíveis. Hoje, a participação do banco oficial é de 20% do capital.

Além do BNDES, a Brenco (sigla em inglês para Companhia Brasileira de Energia Renovável) é controlada por outros dez acionistas, brasileiros e estrangeiros.

Empresa tem nomes de peso entre acionistas

Entre os brasileiros, estão Ricardo Semler (Semco) e Philippe Reichstul (ex-Petrobras).

Do lado dos estrangeiros, Vinod Khosla, fundador da Sun Microsystems, e os ex-presidentes da AOL Steve Case e do Banco Mundial James Wolfensohn.

Em entrevista ao GLOBO, o diretor financeiro da Brenco, Alfredo Freitas, afirmou que os R$ 580 milhões adicionais serão suficientes para a implementação de quatro das 12 usinas planejadas pela empresa.

Sobre as dívidas com fornecedores, estimadas em R$ 100 mil, ele diz que existe "um novo fluxo de pagamento".

Ainda segundo ele, a procura por um novo sócio foi a alternativa escolhida em função do fechamento do mercado de capitais, depois da crise global.

— Estamos, sim, à procura de investidores estratégicos.

Além das quatro usinas que já deverão entrar em operação, temos três outros projetos estruturados, até com licenças de instalação.

Quando o projeto foi apresentado aos investidores, o barril de petróleo batia nos US$ 150 e a esperança do mundo era o biocombustível. A promessa da Brenco era atingir em 2015 a produção de 3,8 bilhões de litros de etanol, o que corresponderia a 15% da produção nacional e 4% da mundial.

Mas a primeira usina, na cidade goiana de Mineiros, teve sua abertura adiada de maio para outubro.

Outras três (em Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) só devem entrar em operação entre fevereiro e outubro de 2010.

Sem usinas, a Brenco não tem geração de caixa. Freitas diz que, além do capital dos sócios, a empresa já fechou contrato de R$ 2 bilhões para o fornecimento de energia gerada a partir do bagaço de cana, com início em 2010.

— O negócio é extremamente viável e o mercado vai se recuperar no médio prazo.

Falta de crédito leva setor a engavetar projetos

As dificuldades do setor não são exclusivas da Brenco. Com a crise, muitos empresários tiveram de engavetar seus projetos, por falta de crédito no mercado. No setor de usinas de álcool e açúcar, dos 35 projetos inicialmente previstos para 2009, só 20 devem sair efetivamente do papel até o fim do ano.

— O problema é que eles começaram do zero, sem uma base instalada — diz um executivo do setor.

Endividamento já supera em 50% as receitas das usinas do Nordeste – Carolina Mandl e Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 20/07/2009

Abatidas pela crise financeira que atinge o setor sucroalcooleiro, as usinas do Nordeste encontram-se em situação delicada, e boa parte delas acumula dívidas que superam em 50% o total de seu faturamento. Levantamento feito pelo Valor com consultorias, bancos e fontes do setor mostra que as 73 usinas da região Nordeste somam, juntas, dívidas de cerca de R$ 7,5 bilhões, ante receita estimada em torno de R$ 5 bilhões nesta safra.

Boa parte dessas dívidas foi contraída nos últimos anos com bancos para financiar a expansão da capacidade de produção das unidades em operação em seus Estados de origem, e também com tradings e fornecedores.

Muitos grupos também se endividaram para tocar projetos "greenfield" (construção a partir do zero) fora do Nordeste, uma vez que a expansão na região não é economicamente viável. Como parte dos balanços dessas usinas não é público, não foi possível fazer uma avaliação sobre o perfil do endividamento delas. Porém, dados dos processos judiciais de três usinas do Nordeste que entraram em recuperação judicial mostram que as empresas têm dívidas vencendo ou já vencidas que superam a receita.

Com forte tradição na produção de cana no Brasil nas últimas décadas, o Nordeste foi perdendo espaço, sobretudo a partir dos anos 90, quando as usinas do Centro-Sul começaram a se dedicar à produção de açúcar, após o declínio do Proálcool, no fim dos anos 80. Para acompanhar o movimento de expansão do Centro-Sul, parte dos grupos nordestinos migrou sua produção, entre o fim dos anos 90 e início dos anos 2000, para Minas Gerais e São Paulo, e também para o Centro-Oeste do país.

"O perfil do Nordeste é exportador. Com vantagem logística [boa parte delas está a menos de 100 quilômetros dos portos], cerca de 80% da produção de açúcar é vendida no mercado externo", diz Renato Cunha, presidente do Sindicato das Indústrias de Açúcar e Álcool de Pernambuco (Sindaçúcar-PE).

"As usinas tiveram de financiar a exportação com recursos próprios em 2008 e agora enfrentam problemas de fluxo de caixa. Cada usineiro administra a falta de recursos de uma forma. Algumas estão realmente deixando de pagar seus fornecedores", diz Pedro de Melo Nogueira, presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Álcool de Alagoas (Sindaçúcar-AL).

A crise financeira das usinas sucroalcooleiras não está concentrada no Nordeste, mas como as empresas da região não têm as mesmas vantagens competitivas que as do Centro-Sul, cuja produtividade média fica entre 80 e 90 toneladas de cana por hectare, ante 60 toneladas por hectare no Nordeste, por exemplo, o impacto negativo tem sido mais agudo. O endividamento das usinas da região oscila entre 0,7 do faturamento até 1,5 vez em boa parte dos casos, segundo fontes ouvidas pelo Valor.

"Essas usinas, por terem perfil exportador, sofrem mais com a oscilação do câmbio. O crédito está escasso em todo país, mas a região sente de forma aguda, uma vez que tem os custos de produção maiores e a escala industrial menor", diz João Adamo, diretor da gestora de recursos Vision.

Um dos tradicionais grupos do setor, o Tavares de Melo, desfez-se em 2007, início da crise do setor, de seus ativos em açúcar e álcool. O grupo pernambucano vendeu naquele ano suas cinco unidades para a companhia francesa Louis Dreyfus, marcando a expansão da multinacional no segmento.

"Percebemos que o setor passava por um momento de consolidação, demandando muito capital. Ou investíamos, ou seríamos engolidos com o tempo. Por isso, decidimos vender as usinas enquanto o preço delas ainda estava em alta", disse Romildo Tavares de

Melo, um dos sócios do grupo, cuja divisão sucroalcooleira faturava cerca de R$ 500 milhões. Com a saída do setor, o grupo concentra seus negócios em alimentos e bebidas.

Além do alto índice de endividamento com bancos e tradings, as usinas da região também acumulam uma dívida recente de cerca de R$ 100 milhões com os fornecedores de cana independentes do Nordeste, de acordo com as Associações de Fornecedores de Cana de Pernambuco e Alagoas.

A inadimplência com os produtores começou em dezembro e já repercute em vários setores da economia dos municípios canavieiros. "Sem receber, os produtores também estão deixando de arcar com suas dívidas pessoais e até demitindo", explica Lourenço Lopes, presidente da Associação dos Plantadores de Cana de Alagoas. Ele mesmo já dispensou 17 dos 35 funcionários que tinha em sua propriedade.

Sem investimentos nos canaviais, a próxima safra, a 2009/10, que terá início em setembro, poderá registrar forte quebra. A previsão do Sindaçúcar-AL, por exemplo, é de uma queda de 17%, de 30 mil toneladas de cana na safra 2008/09 para 25 mil toneladas em 2009/10. Nogueira, do Sindaçúcar-AL, afirma que o nível de adubação das terras no Estado está inferior ao necessário, o que deve derrubar ainda mais a produtividade. Alagoas é o maior produtor do Nordeste, seguido por Pernambuco.

Para Cunha, do Sindaçúcar-PE, a solução para os canaviais da região Nordeste está em programas de apoio do governo federal, como subsídios, para compensar a menor produtividade. "O país precisa parar para pensar se quer manter o agronegócio da cana no Nordeste. É um setor que emprega mais de 300 mil pessoas na região."

Os canaviais do Nordeste estão começando a perder importância diante do tamanho que a produção do resto do país vem alcançando, segundo Cunha. Na safra 2008/09, a produção nordestina representou um sétimo dos canaviais do Centro-Sul, com 500 milhões de toneladas.

Na safra 2008/09, o governo federal concedeu subvenção aos produtores do Nordeste, limitados a R$ 5 por tonelada de cana, quando a tonelada da matéria-prima na região estava inferior a R$ 40,92.

Reestruturação vira saída para superar a crise – Valor Econômico – Agronegócios – 20/07/2009

Sem saída, muitas usinas do setor sucroalcooleiro recorreram à recuperação judicial para evitar a falência. Para analistas ouvidos pelo Valor, essa medida nem sempre se mostra a mais eficiente, uma vez que as linhas de crédito ficam ainda mais restritas para essas usinas.

O grupo João Lyra, de Alagoas, teve seu plano de recuperação judicial aprovado em junho e agora promove um amplo processo de reestruturação, afirma Arnoldo Wald Filho, advogado que acompanha o caso da usina, do escritório Wald & Associados.

Com dívidas declaradas de R$ 815 milhões e receita de cerca de R$ 610 milhões (safra 2006/07), o grupo alagoano construiu duas usinas no Triângulo Mineiro, que viraram alvo de cobiça no mercado. Uma delas chegou a ser negociada para a trading Alcotra, uma das credoras da usina. Mas o negócio não foi levado adiante porque outro credor barrou a aquisição. "O grupo não pretende se desfazer de seus ativos", diz Wald.

Outras duas usinas entraram com pedido de recuperação judicial no Nordeste: Bom Jesus, da família Pragana, e Una, controlada por três sócios, ambas em Pernambuco. As empresas ainda aguardam as assembleias de credores, marcadas para outubro, para saber o veredicto em relação ao plano apresentado.

Tanto a Una quanto a Bom Jesus relatam em seus processos que começaram a enfrentar problemas quando os bancos passaram a se negar a fornecer crédito para capital de giro, a partir da crise financeira mundial no ano passado.

"Se antes elas tinham problema financeiro por estarem muito endividadas, os baixos preços das commodities fizeram com que a própria operação gerasse prejuízo, agravando a situação", diz Angelo Guerra Neto, sócio da Exame Auditores, empresa paulista responsável pela elaboração do plano de recuperação das duas usinas.

Stélio Maia, diretor-financeiro da Bom Jesus, prefere simplificar os motivos: "A causa toda do problema foi que os bancos se retraíram de repente, e aí não tivemos outra opção a não ser entrar com o pedido de recuperação judicial".

A Una, que faturou R$ 135 milhões em 2007/08, deve R$ 150 milhões a seus credores. Os maiores deles são os bancos Indusval e o Cruzeiro do Sul, com cerca de R$ 15 milhões cada um. Já a Bom Jesus, com receita anual de R$ 55 milhões, tem credores com R$ 62 milhões a cobrar. Alvorada Agropecuária e Setta Combustíveis acumulam as maiores somas individuais a receber.

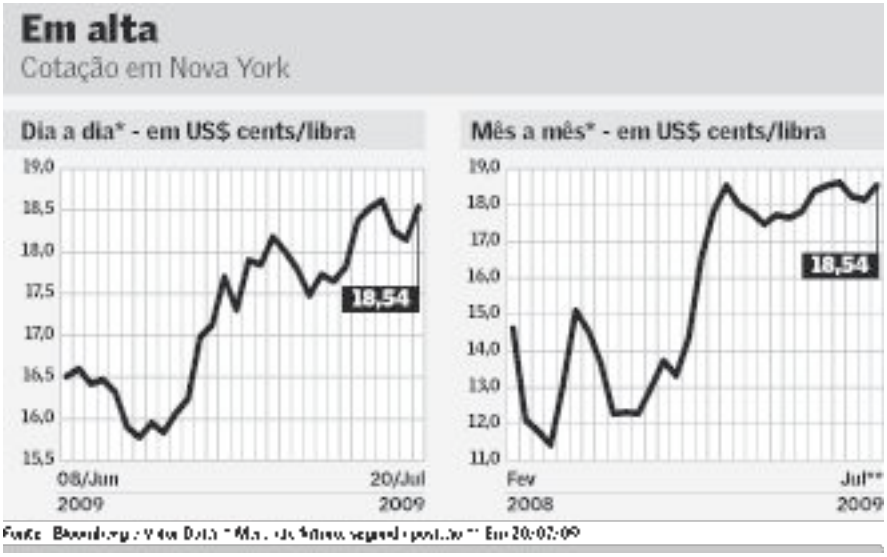
Por enquanto, o alívio que elas obtiveram na Justiça foi barrar a apropriação dos estoques. Vendendo os produtos, os usineiros se capitalizam para a próxima safra.

Essas usinas buscam agora promover reestruturações administrativas, tornarem-se S.As., elevarem a produtividade e venderem o açúcar diretamente no varejo, com marcas próprias. Segundo o Valor apurou, em breve outras duas usinas também vão buscar proteção dos credores na Justiça. (CM e MS)

Açúcar já 'paga' 68% a mais que álcool hidratado no país – Valor Econômico – Agronegócios – 21/07/2009

Os preços futuros do açúcar fecharam com forte alta ontem, nas bolsas internacionais, sustentados pelas indefinições sobre o clima nas regiões produtoras de cana da Índia, segundo maior produtor mundial, atrás do Brasil. As incertezas sobre o período de monções naquele país colocam em dúvida se a colheita da próxima safra indiana poderá ser muito maior que a do ano anterior, segundo analistas de mercado.

Na bolsa de Nova York, os contratos de açúcar para janeiro encerraram a 18,54 centavos de dólar por libra-peso, com aumento de 39 pontos. Na bolsa de Londres, os contratos para dezembro fecharam a US$ 482,30 a tonelada, com aumento de US$ 9,60.



A forte valorização do açúcar tem estimulado a maior produção da commodity no Centro-Sul do país. No mercado doméstico, o açúcar está remunerando 57% mais que o álcool anidro. Em relação ao hidratado, o açúcar tem pago 68% mais, segundo levantamento feito na semana passada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). Já o açúcar exportado remunera 5% mais que o negociado no país.

Estimativa da consultoria FCStone mostra que o déficit global de açúcar deverá ser de 6,1 milhões de toneladas para a safra 2008/09, que se encerra em setembro. A previsão anterior era déficit de 4,7 milhões de toneladas. O consumo mundial deve ficar em 162 milhões de toneladas, aumento de 1,5% sobre o ciclo passado. A produção deverá ser de 155,9 milhões de toneladas, recuo de 8% sobre 2007/08.

Segundo Bruno Zaneti, analista de açúcar da FCStone, os preços da commodity no mercado futuro seguem sustentados pelas posições compradas dos fundos. Há, contudo, um descolamento dos futuros sobre o mercado "spot" (físico), considerando que o avanço da colheita no Centro-Sul do Brasil tira o suporte sobre as cotações.

Em São Paulo, a saca de 50 quilos fechou ontem a R$ 41,23, segundo o índice Cepea/Esalq. No mês, a valorização atinge 3,73%.

Com os preços atraentes do açúcar, o Brasil deverá bater recorde exportação nesta safra, abocanhando cerca de 50% do mercado mundial, um salto de 10 pontos percentuais sobre o ciclo anterior. Neste primeiro semestre, os embarques de açúcar e de etanol, aumentaram 26,4% em receita sobre o mesmo período de 2008, atingindo US$ 3,8 bilhões. Em volume, os embarques de açúcar atingiram 10,4 milhões de toneladas, 37% mais que janeiro a junho de 2008. As exportações de álcool ficaram em 1,45 bilhão de litros, recuo de 25%, informou a Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar).

Uniduto busca sócio para alcoolduto – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – agronegócios – 27/07/2009

A Uniduto contratou o banco Itaú BBA para assessorá-la na busca por investidores nacionais e estrangeiros para captar recursos para tocar o projeto de alcoolduto da companhia. Criada em março de 2008, a empresa tem como sócias 88 usinas sucroalcooleiras, responsáveis por um terço da produção de álcool do Brasil.

O projeto de alcoolduto das usinas está todo estruturado no Estado de São Paulo, com bases coletoras e armazenadoras de etanol, que serão interligadas até o Guarujá, para o escoamento do produto para o mercado externo. O percurso total será de 560 quilômetros. Os investimentos estão estimados em cerca de US$ 1 bilhão.

No país, há pelo menos três projetos oficiais de alcooldutos. O pioneiro é o da Petrobras, com um trajeto de cerca de 1.100 quilômetros. A Brenco também tem planos nesse sentido.

Segundo Sergio Van Klaveren, presidente da Uniduto, as usinas acionistas já desembolsaram cerca de US$ 30 milhões para começar o projeto, que iniciará suas operações a partir da safra 2011/12. "Esses recursos estão sendo investidos em aquisições de áreas para a construção das bases de captação e tancagem de álcool, além do porto, totalizando 1 milhão de metros quadrados", afirmou. "Em 60 dias, concluiremos o processo de aquisição de terras." A capacidade de tancagem das bases será em torno de 800 milhões de litros.

A empresa também já tem toda sua equipe montada, com 20 funcionários. "Contratamos Leandro Gomes [ex-Bertin] e Fábio Jorge [ex-Alcoa] para a diretoria financeira. Eu fui o primeiro funcionário contratado pela Uniduto", contou.

A entrada de novos sócios estava prevista desde o início. "Na primeira fase, apenas as empresas do setor tornaram-se acionistas [as principais são Cosan, Copersucar, Allicom e Crystalsev]. Na segunda etapa, que será capitaneada pelo Itaú BBA, teremos outros investidores", disse Klaveren. O executivo afirmou que não há negociação em andamento neste momento. "Tivemos algumas reuniões com fundos, que demonstraram interesse em investir no projeto." Entre os interessados estão o Fundo de Investimento do FGTS (FI-FGTS), que já financia empreendimentos em infraestrutura - energia, transporte e saneamento no país, e o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Neste momento, a Uniduto concentra esforços na aquisição das áreas onde serão instaladas as bases coletoras, nos centros de distribuição e porto, todas em São Paulo. As bases de coleta de álcool serão em Botucatu, Anhembi e Serrana. A cidade de Santa

Bárbara D'Oeste terá uma coletora e armazenadora. Segundo Klaveren, em Paulínia haverá uma base secundária da Uniduto, para abastecer os dutos que levarão o álcool para as distribuidoras de combustíveis. A empresa também terá uma base distribuidora em Cajamar para abastecer a região metropolitana de São Paulo. Por fim, a Uniduto está estruturando em Guarujá um terminal "offshore" (externo), com duas monoboias para recepcionar tanto navios menores como de grande calado.

As áreas no Guarujá, em torno de 200 mil metros quadrados, estão em fase de assinatura de contrato, e as restantes em fase final de negociação. "Os processos de licença ambiental estão avançados. A apresentação do projeto de EIA-Rima deverá ser entregue até dezembro", disse Klaveren.

O projeto da Uniduto prevê que o alcoolduto deverá passar por cerca de 50 municípios paulistas. "Nossos cálculos indicam que vão deixar de circular pelas rodovias cerca de 1.600 carretas duplas por dia por causa do alcoolduto."

De acordo com o executivo, o álcool produzido nos Estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais, por exemplo, chegarão por rodovias, ferrovias ou pela hidrovia Tietê-Paraná até as bases coletoras da Uniduto no Estado de São Paulo para seguirem por alcoolduto.

Como não contempla investimentos fora de São Paulo, Klaveren acredita que poderá haver uma interligação entre os alcooldutos da companhia com os da Petrobras no futuro. "Não há discussão sobre isso, mas é plausível". A empresa descarta, contudo, uma integração entre as duas companhias. "São projetos diferentes", afirmou.

Atualmente, cerca de 95% do etanol brasileiro é escoado por rodovias. "O modal dutoviário é o que apresenta melhores resultados por qualquer que seja o ângulo de análise em qualquer lugar do mundo. Basta observar as redes de dutos hoje instaladas nos países desenvolvidos. Tanto do ponto de vista operacional como ambiental, segurança e principalmente custo, os dutos são imbatíveis", disse.

Segundo o executivo, os custos são mais baixos, mas a empresa ainda não mensurou quanto. "A variação depende de país para país, em função do tempo de operação e amortização do investimento, que é alto. Só para se ter uma ideia, na Europa, por exemplo, há dutos em operação há mais de 60 anos."

Pesam mais nos custos para a construção de alcoodutos as estruturas de tubulações. "Os dutos representam cerca de 35% a 40% do total", afirmou o executivo. Um levantamento feito pela companhia mostra que há 86 empresas que podem fornecer a infraestrutura de escoamento do álcool, das quais três são nacionais.

Projetos se respaldam na demanda do exterior – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 27/07/2009

A Petrobras foi a primeira companhia a anunciar a construção de um alcoolduto no país para escoar a produção de etanol. O percurso do duto da estatal, de 1.056 quilômetros, sai de Senador Canedo (GO), e vai até Paulínia (SP), seguindo para São Sebastião (SP) e Ilha D'Água (RJ).

Com o "boom" dos investimentos do etanol há quatro anos, em função da forte demanda externa, muitos grupos anunciaram aportes em construção de novas usinas no Centro-Oeste, região pouco privilegiada para escoar o produto.

O projeto da Petrobras, se for concluído, preencheria essa brecha. Em recente entrevista ao Valor, a Petrobras informou que acredita em uma integração entre os três projetos de alcooldutos anunciados, que somam aportes, juntos, de US$ 3 bilhões. O da estatal deverá ser tocado em parceria com a construtora Camargo Corrêa e a trading Mitsui. A estatal planeja buscar parcerias para a montagem da estrutura dos dutos.

Analistas ouvidos pelo Valor afirmam que não há mais muita pressa para se tocar os projetos de alcooldutos no país, uma vez que a queda da demanda internacional por álcool reduziu a urgência desses investimentos. Sérgio Van Klaveren, da Uniduto, discorda. Ele afirmou que o alcoolduto é um projeto de longo prazo, mesmo que a demanda atual não esteja tão firme no mercado.

A Brenco, que passa por reestruturação financeira, também tem um projeto para a construção de dutos para escoar álcool. Segundo Alfredo Freitas, diretor-financeiro da companhia, a empresa também está em busca de parcerias. "Estamos em fase de desenvolvimento do projeto de engenharia." **(MS)**

POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEL

Biodiesel

Empresa de implante dentário tenta parceria para produzir biodiesel – O Globo – O País – 07/07/2009

Gerente e estatal negam negociações, mas prefeitura sustenta planos
RIO e SÃO PAULO. O grupo controlador da Implalife, que tem como um dos sócios o gerente de Recursos Humanos da Petrobras, Diego Hernandes, planejou uma parceria com a estatal na área de produção de biodiesel. Em 2006, ano da doação de um terreno da prefeitura de Jales, administrada pelo PT, à Implalife, o gerente executivo de Desenvolvimento Energético da Petrobras, Mozart Queiroz, esteve naquela cidade para discutir o assunto. Hoje, passados três anos, a estatal e o grupo garantem que o projeto não evoluiu, mas a prefeitura sustenta que o biodiesel ainda está em seus planos.

Mozart, como Diego Hernandes e José Aparecido Barbosa (gerente regional de Comunicação), é ex-sindicalista ligado à FUP e ao PT.

"Petrobras e Embrapa garantem compra do produto" A Petrobras divulgou que não tem previsto projeto algum de biodiesel para Jales. Segundo Hernandes, a Implalife, empresa de fabricação de peças para implantes dentários que ainda não está em operação, "não atuará na área de biodiesel, atividade completamente diversa de sua finalidade atual".

Mas o chefe de gabinete de Jales, Leo Huber, disse que os planos para levar o biodiesel a Jales estão mantidos.

— O projeto ficou parado muito tempo, mas não está totalmente abandonado. A Petrobras e Embrapa garantem a compra do produto, mas não garantem o preço — disse. Sobre a doação à Implalife, Huber afirmou que há três parques industriais na cidade e que todas as indústrias foram implantadas com terrenos cedidos pela prefeitura. Ele disse desconhecer que um dos sócios fosse executivo da Petrobras. Segundo ele, cada empresa apresenta um projeto de implantação industrial, atendendo às especificações da legislação local.

O empresário Paulo Cavaglieri negou que Hernandes, seu primo e sócio na Implalife, tenha influenciado na decisão da prefeitura de dar o terreno, obtido por meio do Conselho de Desenvolvimento Econômico de Jales. A previsão, na época, era que fossem gerados 30 empregos: — Como precisávamos de um sócio, eu mesmo procurei o Diego para propor a sociedade. Tínhamos conversado sobre ele se aposentar da Petrobras e falei da ideia da fábrica, que entraria em operação entre 2009 e 2010, época em que ele se aposentaria. "Petrobras e Embrapa garantem compra do produto" A Petrobras divulgou que não tem previsto projeto algum de biodiesel para Jales. Segundo Hernandes, a Implalife,

empresa de fabricação de peças para implantes dentários que ainda não está em operação, "não atuará na área de biodiesel, atividade completamente diversa de sua finalidade atual".

Mas o chefe de gabinete de Jales, Leo Huber, disse que os planos para levar o biodiesel a Jales estão mantidos.

— O projeto ficou parado muito tempo, mas não está totalmente abandonado. A Petrobras e Embrapa garantem a compra do produto, mas não garantem o preço — disse.

Sobre a doação à Implalife, Huber afirmou que há três parques industriais na cidade e que todas as indústrias foram implantadas com terrenos cedidos pela prefeitura. Ele disse desconhecer que um dos sócios fosse executivo da Petrobras. Segundo ele, cada empresa apresenta um projeto de implantação industrial, atendendo às especificações da legislação local.

O empresário Paulo Cavaglieri negou que Hernandes, seu primo e sócio na Implalife, tenha influenciado na decisão da prefeitura de dar o terreno, obtido por meio do Conselho de Desenvolvimento Econômico de Jales. A previsão, na época, era que fossem gerados 30 empregos: — Como precisávamos de um sócio, eu mesmo procurei o Diego para propor a sociedade.

Tínhamos conversado sobre ele se aposentar da Petrobras e falei da ideia da fábrica, que entraria em operação entre 2009 e 2010, época em que ele se aposentaria.

Renda dos agricultores familiares é fortalecida com Biodiesel – Sítio Eletrônico do MDA – 02/07/2009

Começou a valer nesta quarta-feira (1º) o aumento de 3% para 4% da mistura de biodiesel ao diesel, o chamado B4. Segundo o coordenador do Programa de Biodiesel pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Arnoldo de Campos, a renda dos agricultores familiares em várias partes do País tem crescido com a participação no Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB). Em 2008, a média da renda obtida com a produção de oleaginosas para biodiesel foi de R$ 5.274 por família/ano.

Campos destaca que dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontam um crescimento de 72% na produção de mamona no estado do Piauí. O coordenador de Biodiesel do MDA acredita que o B4 vai possibilitar um crescimento maior da renda dos agricultores familiares e assentados que participam do Programa Nacional de Biodiesel, além do fortalecimento das empresas produtoras de biodiesel que possuem o Selo Combustível Social, concedido pelo MDA, que responde por mais de 90% do mercado.

Atualmente, 31 empresas possuem o Selo Combustível Social, que é concedido aos produtores de biodiesel, promovendo inclusão social e desenvolvimento regional. Juntas, essas empresas tem capacidade de 9,2 milhões de litros por dia. Para obter o certificado as empresas devem atuar gerando emprego e renda para os agricultores familiares por meio de

aquisições de matérias-primas dos mesmos.

Expansão no Piauí

Na Serra da Capivara, no município de Elizeu Martins (PI), a agricultora familiar Francisca de Sousa Soares está concluindo a colheita de 1,6 mil quilos de mamona e mil quilos de feijão produzidos em dois hectares. Em São Raimundo Nonato (PI), o agricultor Denerval Nascimento já colheu 1,6 mil quilos de mamona e 1,2 mil quilos de feijão. A mesma realidade vive o agricultor Graciano Lima Neto que, no município de Guaribas (PI), também aguarda uma boa produtividade no cultivo da mamona.

Esse é um pedaço do retrato de agricultores familiares que têm apostado na produção de oleaginosas para o Programa de Biodiesel. Nesses casos, a segurança alimentar e nutricional também é importante, uma vez que o cultivo das oleaginosas é consorciado com o feijão, consumido em boa parte pelos próprios agricultores.

Com os bons resultados obtidos no pólo de biodiesel da Serra da Capivara (PI) a perspectiva é de ampliar o trabalho. Está previsto estender a atuação junto a agricultura familiar para a região dos Cocais (PI), envolvendo assentados da reforma agrária na safra 2009/2010.

Em diagnóstico realizado este ano, foi constatado que 1,5 mil assentados estão interessados em cultivar oleaginosas. Para isso, MDA, Incra, Cooperação Técnica Alemã (GTZ), Petrobras Biocombustíveis e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Piauí (Emater/PI) realizarão no próximo mês um planejamento estratégico para a safra 2009/2010, para que toda logística de produção das oleaginosas chegue em tempo certo ao agricultor, desde sementes a assistência técnica.

Inserção de agricultores no PNPB

O MDA instalará um pólo de biodiesel na região, onde será formado um grupo de trabalho com os principais envolvidos direta ou indiretamente com a cadeia produtiva do biodiesel para planejar, avaliar e encaminhar as ações do PNPB na região. Essa iniciativa faz parte do Projeto Pólos, que vem executando em 42 pólos a organização e a articulação da base produtiva de oleaginosas, via instalação e acompanhamento de Grupos de Trabalho (GT) e apoio aos Núcleos de Produção. O objetivo do projeto é promover condições para que os agricultores familiares sejam inseridos, de forma sustentável, na cadeia produtiva do biodiesel nas regiões Centro-Sul e Norte do País.

Entre os focos de trabalho nos pólos estão a organização da base produtiva de forma a garantir produção e cumprimento de contratos com as empresas; a operacionalização do programa e auxílio nas estratégias dos produtores de biodiesel, em questões como demanda

e logística; facilitação do acesso às políticas públicas como de crédito, seguro, assistência técnica e extensão rural, capacitação, pesquisa e transferência de conhecimentos.

Política pública

A consolidação do mercado de biodiesel no Brasil é resultado de uma política pública do Governo Federal que objetiva a implementação, de forma sustentável, tanto técnica como economicamente, da produção e do uso desse combustível, limpo e renovável, em todo território nacional. A cadeia produtiva foi estruturada a partir do lançamento, em 2004, do PNPB.

O programa é resultado de uma ação interministerial centrada nas seguintes diretrizes: sustentabilidade da produção; promoção da inclusão social; garantia de preço, qualidade e suprimento; e diversificação de matérias-primas. A gestão operacional é do Ministério de Minas e Energia (MME).

Nos últimos cinco anos, o mercado se consolidou a partir de um marco regulatório estável e de uma série de leilões de compra. Um ano e meio após a entrada em vigor no País da mistura obrigatória de biodiesel no diesel, o Brasil já se destaca como um dos maiores produtores e consumidores dessa fonte alternativa no mundo, o que reforça a vocação brasileira para a produção de combustíveis limpos e renováveis.

Etanol

"Demanda por alimento e energia fará agronegócio reagir", diz Meirelles – Sítio Eletrônico da CNA – 06/07/2009

As tendências econômicas para o setor do agronegócio são positivas, mesmo com a crise internacional. O cenário para os próximos meses foi apresentado pelo presidente do Banco Central do Brasil, Henrique Meirelles, durante a palestra que ministrou na abertura do Seminário Perspectivas para o Agronegócio, na manhã desta segunda-feira (6), em Goiânia (GO), realizado Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg).

O ministro apresentou a uma plateia de cerca 700 autoridades e produtores rurais análises realizadas pelo Banco Central que demonstram que haverá uma retomada nas exportações das commodities brasileiras, sobretudo de grãos. A demanda por alimentos e energia vinda de países da Ásia e nações emergentes fará com que o agronegócio se recupere mais rapidamente dos efeitos da crise mundial.

"Alimentos para emergentes e óleo para biodiesel impulsionará o comércio global da soja", afirmou o ministro. Meirelles citou o caso da China, principal destino das exportações brasileiras. País que apesar da crise mundial permanecerá em crescimento e sustentará a demanda por commodities.

Reclassificação de risco

O ministro também falou sobre a resolução do Conselho Monetário Nacional (CMN) que trata da classificação de risco em operações de crédito rural e outras operações. "Emitida no último dia 30 de junho, a resolução dá a possibilidade de incluir no acesso ao crédito oficial cerca de 94 mil produtores", explicou o presidente da Faeg, José Mário Schreiner, em entrevista à imprensa.

O ministro Meirelles esclareceu que no Banco do Brasil, a resolução aplica-se às operações rurais prorrogadas a partir da safra agrícola de 2004/2005. Com a resolução torna-se possível a revisão do risco de operações que chegam à casa dos R$ 11,2 bilhões.

Assessoria de Comunicação da Faeg

Brasil lança iniciativa por quebra de patente para energias limpas – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Ciência – 14/07/2009

Transferência de tecnologia é real como "Papai Noel", diz membro do governo

O Brasil insiste: o tratado sobre mudanças climáticas que será negociado na Conferência de Copenhague, em dezembro, terá que incluir uma cláusula sobre o compartilhamento de tecnologias "verdes".

A proposta bate de frente com a ambição de países ricos de colocar toda a ênfase na ideia de "transferência" de tecnologia. Isso, para o Brasil e outros emergentes, nada mais é que perpetuar o monopólio sobre o conhecimento e gerar lucros para o mundo desenvolvido, desvirtuando o objetivo de preservar o meio ambiente.

"Quem acredita em transferência de tecnologia acredita também em Papai Noel e coelhinho da Páscoa", ironizou Haroldo Machado Filho, do Ministério da Ciência e Tecnologia. Ele reiterou a posição do Brasil durante uma conferência da Organização Mundial de Propriedade Intelectual.

Com o apoio do G77 (grupo de países em desenvolvimento), a proposta brasileira é reproduzir um princípio já aplicado na saúde, pelo qual a quebra de patentes é permitida em casos de interesse público.

"Uma negociação justa sobre a transferência de tecnologia é fundamental para selar um acordo em Copenhague", disse Machado na abertura da conferência, em Genebra. Ele admite, porém, que não será fácil estabelecer os critérios para quebra de patentes, que tocam em conceitos muitas vezes vagos, como situações de emergência. Por ora, diz Machado, é mais sensato tentar incluir o princípio no acordo, para depois negociar os detalhes.

"Todo mundo reconhece a necessidade de transferência de tecnologia, existe um consenso em torno disso", explica Machado, que é membro da Comissão Interministerial de Mudança do Clima. "A questão está nos mecanismos."

A proposta brasileira de um sistema de patentes flexível para tecnologias verdes não é nova. Ela vem sendo defendida pelo ministro Celso Amorim (Relações Exteriores) desde a Conferência do clima da ONU em Bali, em 2007. Mas o debate promete esquentar à medida em que o encontro de Copenhague se aproxima.

Para o ministro para Propriedade Intelectual britânico, David Lammy, é errado reduzir a discussão às patentes. "Precisamos tirar esse assunto dos advogados e devolver às pessoas", disse ele durante a conferência da Ompi. "O importante é permitir acesso ao conhecimento."

Questionado pela Folha, ele se negou a dizer em quais circunstâncias seu país aceitaria a quebra de patentes. Um assessor respondeu que não abriria as posições antes da negociações. Para Lammy, é essencial estabelecer "um clima de confiança" antes dos debates.

Por enquanto, o que predomina é o ceticismo. Sobre a proposta de o governo britânico de criar um fundo ambiental de US$ 100 bilhões, Machado transmite incredulidade. E cita

como exemplo de promessa nunca cumprida a meta de destinar 0,7% do PIB dos países industrializados para o mesmo fim, feita em 1992. "Números se lançam, como sempre se lançaram", disse ele. "A questão é o que acontece efetivamente."

Empréstimos deixam BNDES na berlinda – Samantha Lima – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/07/2009

Banco de fomento libera mais de R$ 6,2 bilhões para sete negócios que enfrentam investigações e questionamentos

Entre as empresas estão frigoríficos e usinas de açúcar e álcool; BNDES afirma estudar mecanismos para prevenir ocorrências

Mais de R$ 6,2 bilhões saídos do BNDES nos últimos dois anos tiveram como destino sete negócios em que a dor de cabeça foi o maior retorno obtido pelo banco. São empresas que foram obrigadas a dar, nos últimos meses, explicações por práticas sociais, ambientais ou financeiras não condizentes com os manuais de boa gestão.
Esse dinheiro equivale a 10% do que o banco destinou à indústria no período. Corresponde ao dobro do que o setor de agricultura recebeu neste ano.
Criar instrumentos para melhorar a análise das empresas financiadas é um dos maiores desafios do banco atualmente, neste momento em que dispõe de orçamento recorde e mostra disposição para financiar fusões e aquisições.
O BNDES disse que estuda novos mecanismos para prevenir ocorrências, mas reconhece não ter como obrigar empresas que não tenham culpa comprovada pela Justiça a devolver dinheiro. E afirmou que, nos casos em que o dinheiro foi concedido após as investigações, não havia culpa comprovada.
Desde março, três frigoríficos, que levaram R$ 4,85 bilhões do banco, estiveram em evidência.

Desmatamento
Segundo o Ministério Público Federal no Pará, o Bertin, com R$ 2,5 bilhões em financiamento, era suspeito de comprar carne de pecuaristas que atuavam em área desmatada.
Na semana passada, a empresa assinou um termo de ajustamento de conduta em que se comprometeu a não comprar carne irregular e apoiar práticas contra o desmatamento.
Em 2007, o BNDES investiu R$ 1,4 bilhão no JBS-Friboi e se tornou seu sócio.
A empresa é investigada pelo Ministério Público em Rondônia por suspeita de corrupção e de fraude de embalagens.
O frigorífico Independência se habilitou a receber R$ 450 milhões em novembro. Quatro meses depois, entrou em recuperação judicial. Depois disso, o BNDES suspendeu a transferência de R$ 200 milhões que ainda estavam pendentes.

Usinas
No último ano, o BNDES deu forte apoio ao setor sucroalcooleiro: R$ 3,5 bilhões para 15 usinas. A decisão alinha-se com o discurso em prol do uso do etanol que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva leva ao mundo.
Alguns projetos renderam dissabores: R$ 2,1 bilhões foram destinados a quatro usinas recentemente envolvidas em suspeitas de "trabalho degradante", segundo o Ministério Público do Trabalho e a Advocacia Geral da União.
Com usinas no Centro-Oeste e em São Paulo, as empresas Brenco, Iaco, Rio Claro Agroindustrial e Agro Energia Santa Luzia - as duas últimas, do grupo Odebrecht - foram investigadas por oferecer instalações precárias -como refeitórios e banheiros em más condições de uso- e desrespeitar a legislação trabalhista.
Todas fecharam termos de ajustamento de conduta se comprometendo a corrigir as irregularidades. Com o acordo, os processos são arquivados.
Mas a Advocacia Geral da União quer incluir a Brenco na lista de "empresas sujas" do Ministério do Trabalho. Para isso, tenta derrubar uma liminar obtida pela empresa.

Área de ambiente avalia aumentar exigências – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/07/2009

O BNDES diz que a recém-criada área de meio ambiente estuda o aumento das exigências às empresas para concessão de financiamentos e investimentos. As primeiras áreas a serem atingidas serão as de pecuária, soja e açúcar e álcool.
O banco disse, ainda, que a cláusula social estabelece veto a discriminação e trabalho infantil e escravo nas empresas. Quando -e somente se- comprovada a situação, as empresas são obrigadas a quitar previamente os financiamentos.
Na semana passada, o presidente do banco, Luciano Coutinho, havia afirmado que vêm sendo estudadas medidas para impedir que frigoríficos financiados contribuam com a devastação da Amazônia.
Das sete empresas financiadas pelo BNDES suspeitas de práticas gerenciais irregulares, cinco conseguiram interromper os processos investigativos ou judiciais por meio de acordos com o Ministério Público.
Esses acordos, chamados de TACs, foram assinados, no setor de cana-de-açúcar, pelas empresas Brenco, Rio Claro Agroindustrial, Agro Energia Santa Luzia e Iaco.
O grupo Bertin também assinou um TAC, comprometendo-se a não comprar carne de empresas em situação irregular.
Procurado, o Bertin afirmou que, como a lista de produtores irregulares não era pública, não tinha como saber da irregularidade. "Nossas práticas na garantia da origem da carne e na rastreabilidade, criadas antes mesmo das denúncias, são reconhecidas no mercado", disse o diretor Fernando Falco.
O grupo JBS-Friboi negou envolvimento nas irregularidades e disse que tem contribuído com as investigações.

Brenco e Iaco não comentaram as suspeitas arquivadas. A Rio Claro afirmou que a situação trabalhista já está regularizada. A Santa Luzia disse que os problemas apontados "não procedem". Tanto a Rio Claro como a Santa Luzia, ambas do grupo Odebrecht, disseram ter assinado o Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar, lançado pelo governo.

ONU certifica geração de energia em assentamentos do PA – Sítio Eletrônico do MDA – 14/07/2009

A Organização das Nações Unidas (ONU) e o Governo de Dubai, dos Emirados Árabes Unidos, certificaram com o título de Melhores Práticas de 2008 a energia gerada em dois assentamentos do Oeste do Pará: Mojú I e II e Corta Corda, ambos localizados no município de Santarém (PA). Nestes locais, foram implantadas seis Micro Centrais Hidrelétricas (MHC), que produzem energia limpa e com baixo impacto ambiental a partir de igarapés existentes na região.

A certificação foi destinada à empresa responsável pela criação das turbinas das MCHs, a Indalma, que recebeu recursos da Superintendência Regional do Incra no Oeste do Pará e da Prefeitura de Santarém para implantar o projeto. As MCHs instaladas nos assentamentos Mojú I e II e Corta Corda têm capacidade para atender a cerca de 1,9 mil famílias. A primeira MCH foi instalada em junho de 2006 e a última, em junho de 2008.

O reconhecimento da iniciativa ocorreu por meio do Dubai Internacional Award for Best Practices (Prêmio Internacional de Boas Práticas de Dubai), premiação gerida conjuntamente pelo Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (UN-HABITAT) e pelo governo de Dubai. Iniciado em 1995, o prêmio foi criado para reconhecer e reforçar projetos que tenham como foco a sustentabilidade e a melhoria das condições de vida da população.

O projeto das MCHs foi certificado na categoria Best Practices (Melhores Práticas), onde outros nove, do Brasil, e 82 de diversos países figuram. Desde 1995, o prêmio de boas práticas atraiu mais de quatro mil iniciativas de 140 países. Na última edição, a sétima, foram registradas cerca de 500 inscrições.

Setor sucroalcooleiro movimenta economia e gera empregos – Sítio Eletrônico da CNA – 17/07/2009

Com quatorze usinas operantes e onze em processo de implantação, o estado de Mato Grosso do Sul já virou referência em bionergia no País. Segundo dados do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB, o aumento da área colhida nas três últimas safras, foram significativos refletindo assim no setor econômico das regiões.

A safra 2006/2007 teve um total de 200 mil hectares colhidos e a de 2007/2008, 260 mil. Já a safra 2008/2009 subiu para 392 mil hectares. Um crescimento de 95% em três anos e com perspectivas de moagem de aproximadamente 33 milhões de toneladas.

Com o acréscimo na produtividade a mão de obra também aumentou. A safra 2006-2007 teve um total de 25 mil e 500 empregos gerados diretamente e 102 mil indiretos. A expectativa para a safra 2012 é de que sejam gerados 150 mil empregos diretos e 600 mil indiretos. Desses 150 mil, 60% na colheita de cana e 40% na produção, administração e usina. Segundo a assessora técnica de Bioenergia da Federação da Agricultura e Pecuária de MS – FAMASUL, Adriana Mascarenhas, "no momento em que a colheita deixará de ser manual e passará a ser mecanizada".

"Os produtores e trabalhadores rurais precisam buscar informações técnicas e mercadológicas sobre o setor. Todos os municípios que estão recebendo essas indústrias demandam mais mão-de-obra, e esse é o momento das pessoas buscarem novas oportunidades", avalia Adriana.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR, Serviço Nacional da Indústria – SENAI, e algumas escolas técnicas oferecem cursos de qualificação profissional no setor sucroalcooleiro.

Outra forma de se manter informado é participar de congressos e palestras. Em Mato Grosso do Sul, o CANASUL 2009, vai debater a tecnologia produtiva de cana-de-açúcar no Brasil e no estado.

Congresso de Tecnologia

A Federação da Agricultura e Pecuária de MS – FAMASUL, lança o Congresso de Tecnologia Produtiva da cana-de-açúcar de Mato Grosso do Sul – CANASUL 2009 na próxima terça-feira (21/07) na sede da Biosul, Rua Goiás,728.

Mais informações pelo site **www.opec-eventos.com.br/canasul/.**

Auxílio continua para os produtores de cana-de-açúcar no Nordeste – Sitio Eletrônico da CNA – 20/07/2009

O valor da subvenção econômica calculado para a cana-de-açúcar processada na safra 2008/2009 no Nordeste, para o período de janeiro a abril deste ano, foi divulgado na última sexta-feira (17/07) no Diário Oficial da União.

A tabela com os valores está na **Portaria Nº 526**, que leva em consideração o custo de produção estipulado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em R$ 40,92 a tonelada. O limite do auxílio é de dez mil toneladas por produtor até R$ 5 por tonelada de cana.

A **Portaria Interministerial Nº 217** (Mapa e MF) fixa as condições para o pagamento da subvenção econômica aos produtores de cana-de-açúcar produzida destinada à elaboração de açúcar e álcool na região Nordeste.

Seminário discute direitos sociais e ambientais no setor sucroalcooleiro – Sítio eletrônico da CNA – 23/07/2009

Começa hoje (23/07), e segue até sexta-feira (24/07), o III Seminário Científico Açúcar Ético, na capital paulista, no Hotel Braston. O evento é uma iniciativa da organização internacional de mesmo nome, com o apoio de vários organismos e entidades públicos e privados brasileiros.

O tema em destaque é "Direitos sociais, ambientais e manejo responsável no setor sucroalcooleiro".

O seminário contará com a presença de vários órgão relacionados ao setor agrícola, do Brasil e exterior.

Dentre os assuntos em pauta no evento estão as perspectivas do direito social no setor, situação atual do direito brasileiro, qualificação de mão-de-obra, questões indígenas, manejo sustentável, responsabilidade social das empresas, gestão de recursos e políticas de

desenvolvimento sustentável.

O Brasil é o principal produtor de açúcar e o segundo de etanol. No País, o setor sucroalcooleiro emprega 1.3 milhões de trabalhadores, grande parte no corte da cana. A cadeia tem peso cada vez mais importante no comércio exterior brasileiro. A mecanização, as migrações de trabalhadores, as condições de trabalho, o modelo de produção, as certificações, a expansão das culturas, as evoluções tecnológicas são assuntos que precisam ser discutidos para que, no futuro, o setor possa minorar os problemas sociais e ambientais.

A cana é o principal produto do Estado de São Paulo em termos de valor da produção: foram mais de R$ 14 bilhões em 2008, para uma produção de 391,8 milhões de toneladas. Para a atual safra agrícola, a área estimada com plantio de cana apresenta estabilidade, perfazendo 5,4 milhões de hectares, segundo estimativa de safra do IEA e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati). Espera-se, ainda, produção crescente na safra atual, comparada à anterior, de 5,7%.

* Informações **www.agricultura.sp.gov.br**

Chuva reduz a moagem de cana no Centro-Sul do país – Sítio Eletrônico da CNA – 29/07/2009

De acordo com levantamento da Unica - União da Indústria da Cana-de-açúcar, o total da cana processada na primeira quinzena de julho atingiu 33,529 milhões de toneladas, recuo de 4,6% sobre o mesmo período do ciclo passado. No acumulado da safra, contudo, a moagem cresceu 18,9%, com 209,793 milhões de toneladas de cana.

A produção de açúcar acumulada até a primeira quinzena ficou em 10,64 milhões de toneladas, alta de 26%, e a de álcool, 8,92 bilhões de litros, elevação de 12,6%.

Das 23 novas unidades previstas para esta safra, dez terão iniciado a moagem de cana até o fim deste mês. Entre as usinas instaladas no país, 12 ainda não iniciaram a moagem na atual safra.

- Noticia publicada no Jornal Valor Economico desta quarta-feira - 29/07/2009

Cortadores de cana ganham 18 medidas inéditas para melhorar condições de trabalho – Sítio eletrônico da Contag - 17/07/2009

Em entrevista realizada nesta quinta-feira (16) nos estúdios da EBC Serviços, o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Luiz Dulci, falou sobre o compromisso nacional para aperfeiçoar o trabalho na cana-de-açúcar, firmado entre governo, empresários e trabalhadores. Dulci participou do Bom Dia Ministro, programa produzido e coordenado pela Secretaria de Imprensa da Presidência da República e transmitido ao vivo, via satélite, para emissoras de rádio de todo o País. Leia abaixo os principais trechos.

Cana-de-açúcar

O Brasil é o maior produtor de cana e o segundo maior exportador de etanol, combustível oriundo da cana, do mundo. À frente, só os Estados Unidos que produzem etanol de milho, mais caro. O setor da cana emprega a indústria sucroalcooleira, no seu conjunto, com 1,2 milhão de trabalhadores. No corte manual da cana, mais de 500 mil trabalhadores em todo o País. Então, possui uma importância social e humana enorme. É fundamental que o Brasil dê uma demonstração de que somos capazes de resolver problemas sociais. Quando havia aqui uma denúncia localizada de trabalho degradante, nesta ou naquela usina, nossos concorrentes em vários países do mundo, às vezes aproveitavam um fato isolado, e passavam a idéia de que no Brasil toda a produção de cana-de-açúcar era feita com trabalho degradante, ou com trabalho escravo.

Condições de trabalho

Negociamos durante 11 meses. O presidente Lula resolveu constituir esta mesa em junho do ano passado. É algo inédito. Na história das relações trabalhistas brasileiras nunca houve uma negociação entre empresários, trabalhadores e governo, de caráter nacional e válida para o conjunto de um setor econômico, que neste caso é chamado de sucroalcooleiro. São 18 compromissos. Quase todos acima do que a lei já prevê. Já existem órgãos encarregados de fiscalizar o cumprimento da lei pelos empresários. Então, por exemplo, vai acabar a terceirização de mão-de-obra. Aquele chamado gato, uma pessoa que contratava os trabalhadores e levava para trabalhar nas empresas. Agora, as empresas vão contratar diretamente, com carteira assinada, com todos os direitos. Ou, então, as empresas contratarão através do Sine (Sistema Público de Emprego). A medição do que o trabalhador produzir por dia, a medição obrigatoriamente será feita na frente dele. Havia muita desconfiança do trabalhador. Cortava-se a cana e depois ia para outro lugar medir, sem que ele soubesse. Agora não. O preço a ser pago por aquilo que for produzido também será combinado antes. As empresas vão fornecer hidratação gratuita. Um trabalho que é feito ao ar livre, no sol, é muito penoso. Não estava previsto na lei. As empresas também vão fornecer soro gratuito, todo dia. Outra coisa importantíssima é a pausa, não só a do almoço. Haverá intervalo de manhã, no meio da jornada, e à tarde.

Equipamentos de proteção

Os trabalhadores vão receber gratuitamente equipamentos de proteção individual. O

transporte, antes feito em caminhões, levando os chamados bóias-frias, terá que ser realizado em condições adequadas, fiscalizadas pelos órgãos do governo. Haverá tempo para fazer ginástica laboral, uma vez que o trabalho no corte de cana é tão penoso que pode até trazer problemas musculares. Tudo isso pago e garantido pelas empresas.

Trabalho infantil, escravo ou degradante

Felizmente, no setor sucroalcooleiro o trabalho infantil não existe mais. Ele é residual. No último período, há aproximadamente um ano, não foi encontrada pela fiscalização do Ministério do Trabalho, ou do próprio Ministério Público do Trabalho, nenhum caso de trabalho infantil no setor. Mas, o chamado trabalho degradante que a legislação brasileira considera análogo ao trabalho escravo, ainda tem encontrado alguns exemplos no setor. É sempre bom dizer que são exemplos localizados. A maioria das empresas nunca teve problemas de trabalho escravo. Mas outras, sim. E a repercussão que dá é como se todo o setor tivesse esse tipo de problema. Então, ele precisa ser eliminado. E não é só por causa da imagem da nossa produção no exterior. Ela será melhor se a realidade melhorar. Não havendo nenhum caso de trabalho escravo no setor, ninguém poderá fazer propaganda negativa contra nossos produtos.

Requalificação dos trabalhadores

De fato, com o avanço da mecanização, a previsão é de que muitos trabalhadores nesse setor venha a perder seu emprego. Por exemplo, cada máquina colheitadeira que é adotada por uma empresa gera a perda de emprego de 80 trabalhadores. Mas nesse momento da vida brasileira, como tem havido muita expansão da produção de etanol, não há desemprego. Ao contrário, há expansão. Eram 450 mil, passaram para 500 mil nesse último período. A previsão é que haverá perda e já estamos nos preparando pra isso. Tanto o governo quanto as empresas pretendem requalificar os trabalhadores. Parte deles será aproveitada na própria indústria suco-alcooleira como operador de trator, mecânico, eletricista etc. O pessoal que não conseguir ficar no setor, daremos qualificação profissional para que possam ser reaproveitados em outros setores, agrícola ou industrial. Trabalhar com reflorestamento, com horticultura, ou também na construção civil, no artesanato etc. Vinte e cinco por cento desses trabalhadores continuarão nas próprias usinas em outras funções. Outros terão que ser reaproveitados no meio rural ou urbano. Parte será aproveitada via governo para apoiar a agricultura familiar. Mas nem todos os trabalhadores que perderem o emprego no setor poderão ser aproveitados na própria área agrícola. Alguns preferem ir para as cidades. Temos que oferecer também profissões urbanas pra eles, para que possam aproveitar essa criação de empregos que o Brasil tem realizado no ultimo período.

Aumento para aposentados e pensionistas

Estamos conversando com as centrais sindicais, com as entidades representativas dos aposentados, em especial a Cobape, que é a maior organização de defesa dos direitos dos aposentados no País. Também com o Congresso Nacional, porque os projetos estão tramitando lá. Nosso objetivo é estabelecer um acordo de tal maneira que possa haver uma mudança no chamado fator previdenciário, para beneficiar trabalhadores que ainda irão se aposentar. Garanto que ainda não tem percentual decidido. Em janeiro do ano que vem, junto com o reajuste do salário mínimo, que é outro benefício que os trabalhadores

brasileiros conquistaram, mesmo aqueles aposentados que não ganham o salário mínimo, que ganham acima do salário mínimo, terão algum tipo de reajuste real acima da inflação, superior à inflação. Durante o governo do presidente Lula negociamos com as centrais sindicais e não só demos aumento real todos os anos - o salário mínimo nesses anos já teve um reajuste de 60% acima da inflação -, mas também fomos recuando ano a ano. Era maio, passou para abril, depois para março, fevereiro, e no próximo ano o reajuste do mínimo já será em janeiro. Isso faz parte da nossa negociação. Mas o acordo será fechado em agosto.

Fonte: Portal do Governo Brasileiro

Venda de diesel cai menos que o previsto Rafael Rosas – Valor Econômico – Brasl – 17/07/2009

A crise econômica internacional provocou retração na venda de combustíveis no primeiro semestre, mas a queda, principalmente nas vendas de óleo diesel, ficou abaixo da expectativa da Agência Nacional do Petróleo (ANP).

O superintendente de abastecimento do órgão regulador, Edson Silva, afirmou que as vendas de óleo diesel, que servem como termômetro do desempenho da economia, caíram menos que o esperado e que o único combustível com crescimento de vendas na comparação com os seis primeiros meses de 2008 foi o álcool. De acordo com Silva, os dados do primeiro semestre, embora ainda preliminares, levam a uma expectativa de crescimento do mercado nos últimos seis meses do ano.

Eólicas terão incentivo fiscal e mais facilidade para importar – Daniel Rittner – Valor Econômico – Brasil – 17/07/2009

Investidores nacionais e estrangeiros demonstraram forte interesse no primeiro leilão voltado exclusivamente a usinas eólicas, previsto para 25 de novembro. Eles apresentaram 441 projetos, que totalizam 13.341 megawatts (MW), ao Ministério de Minas e Energia. O ministro Edison Lobão lembrou que essa potência corresponde a quase uma usina de Itaipu ou a quatro vezes a hidrelétrica de Jirau, no rio Madeira. Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Ceará concentram 79% dos empreendimentos.

Lobão anunciou que as novas usinas eólicas serão enquadradas no Reidi, um regime especial de incentivo tributário, e terão normas mais flexíveis para importação de equipamentos. "Vamos fazer um relaxamento", disse o ministro. Foi liberada a compra no exterior de aerogeradores com potência nominal igual ou superior a 1,5 MW. Hoje, as turbinas em funcionamento no país raramente ultrapassam 1 MW.

Apesar do número de projetos habilitados a participar do leilão, o governo contratará apenas uma parte dos empreendimentos, como energia de reserva. Por estratégia, Lobão se esquivou de dar pistas sobre a potência a ser contratada, que poderá ser menos da metade do total ofertado.

O ministro evitou também sinalizar o preço que espera para os futuros contratos. Mencionou apenas que, enquanto as eólicas geram energia a preço médio de R$ 270/MWh, o valor está entre US$ 50 e US$ 90 nos EUA. "A nossa energia eólica ainda é cara."

Hoje, o Brasil tem somente 386 MW de usinas eólicas na matriz elétrica. Até o fim de 2010, com os projetos em andamento, serão 1.423 MW. "É um começo, mas um começo que consideramos muito razoável", afirmou Lobão, apesar de reconhecer que isso representa pouco mais de 1% de toda a eletricidade gerada no país. É um volume pequeno, principalmente diante do potencial já mapeado, de 140 mil MW, equivalente a dez hidrelétricas de Itaipu. Os EUA têm 25 mil MW de energia eólica e pretendem chegar a 200 mil MW, como forma de combater o aquecimento global.

O ministro lembrou que há uma tendência mundial de aumento da capacidade de produção dos aerogeradores. Atualmente existem turbinas cujas pás chegam a ter diâmetro equivalente ao de um Boeing 747 e a gerar até 10 MW. É por causa dessa modernização que Lobão acredita haver uma tendência de aumento da energia eólica também no país, apesar do preço ainda superior ao de hidrelétricas.

Para o ministro, o Brasil não corre risco de novos racionamentos, por estar contratando energia de reserva e ter ampliado a interligação do sistema. Na quarta-feira, o Tribunal de Contas da União apontou que o apagão de 2001 custou ao país R$ 45 bilhões e a maior parte da conta coube aos consumidores.

Lobão informou ainda que discute com o Ibama e o Ministério do Meio Ambiente a flexibilização das normas que exigem a compensação, por meio de plantio de árvores, de pelo menos um terço das emissões de gases-estufa produzidos por usinas movidas a carvão ou óleo combustível. "As exigências são extremamente pesadas. Não podemos comprometer a segurança energética", disse.

Abastecer com álcool é mais vantajoso em 21 Estados, indica ANP – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – agronegócios – 28/07/2009

Abastecer com álcool combustível é mais vantajoso em relação à gasolina em 21 Estados do país, incluindo o Rio Grande do Sul e Rondônia, Estados com quase nenhuma tradição sucroalcooleira, de acordo com levantamento da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

A competitividade do álcool é maior quando seus preços equivalem a até 70% dos da gasolina. Em São Paulo, maior região produtora do país, a cotação do etanol equivale a 52% do valor do combustível fóssil.

Os baixos preços do etanol têm estimulado o consumo do combustível no Brasil. "Os preços são determinantes para o maior consumo", afirmou Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica). Segundo ele, desde janeiro deste ano o consumo de álcool tem crescido a uma média de 26% por mês em relação ao mesmo período de 2008. O consumo de álcool combustível é de cerca de 1,9 bilhão de litros em julho. Desse total, 1,4 bilhão de litros é do tipo hidratado.

Apesar da maior demanda, as cotações do combustível não reagem no mercado interno. Analistas ouvidos pelo Valor afirmam que a necessidade das usinas de fazer caixa tem pressionado os preços. "Tudo o que tem sido produzido pelas usinas está sendo consumido", afirmou Marcos Escobar, especialista da FC Stone.

Os embarques de álcool têm ficado entre 300 milhões e 400 milhões por mês, segundo Padua. "Esses volumes foram contratados antes da queda da demanda", afirmou. A saída dos Estados Unidos, maior importador global, do mercado internacional reduziu as exportações do Brasil.

Com os preços firmes no mercado internacional, os preços do açúcar continuam mais remuneradores que os do álcool combustível. O açúcar exportado paga 6% mais que o produto negociado no país. Em relação ao álcool hidratado, o açúcar está remunerando 76% mais e 61% mais que o anidro, segundo levantamento do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) realizado na semana passada.

Na sexta-feira, o litro do álcool hidratado fechou a R$ 0,6882 (sem impostos), recuo de 3,96% sobre a semana anterior. O anidro caiu 2,09%, para R$ 0,7941 (sem impostos).

Já os preços do açúcar atingiram ontem o maior patamar dos últimos três anos na bolsa de Nova York, sustentados pelo déficit global. Os contratos para janeiro fecharam a 19,10 centavos de dólar por libra-peso, com aumento de 12 pontos. Na bolsa de Londres, os contratos para dezembro encerraram a US$ 496,30 a tonelada, elevação de US$ 4,90.

A incidência de chuvas sobre as regiões produtoras de cana poderá dar sustentação os preços do álcool. Por duas quinzenas consecutivas, o ritmo da colheita de cana no Centro-Sul tem sido lento, segundo a Unica. Mas a estimativa dos analistas é de que os preços do combustível só voltem a ficar mais firmes durante a entressafra da cana, entre janeiro e abril.

Chuva reduz a moagem de cana no Centro-Sul do país – Valor Econômico – Agronegócios – 29/07/2009

A moagem de cana na região Centro-Sul do país registrou queda no volume pela segunda quinzena consecutiva por conta das chuvas, de acordo com levantamento da Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar).

O total da cana processa na primeira quinzena de julho atingiu 33,529 milhões de toneladas, recuo de 4,6% sobre o mesmo período do ciclo passado. No acumulado da safra, contudo, a moagem cresceu 18,9%, com 209,793 milhões de toneladas de cana.

A produção de açúcar acumulada até a primeira quinzena ficou em 10,64 milhões de toneladas, alta de 26%, e a de álcool, 8,92 bilhões de litros, elevação de 12,6%.

Das 23 novas unidades previstas para esta safra, dez terão iniciado a moagem de cana até o fim deste mês. Entre as usinas instaladas no país, 12 ainda não iniciaram a moagem na atual safra.

Longe de uma matriz elétrica sustentável Osvaldo Soliano – Valor Econômico – Opinião - 30/07/2009

Caso se efetivem as previsões do plano decenal, em 2017 o Brasil terá menos geração eólica do que a Índia tem hoje

Em 2002, com a sanção da Lei 10.438, foi outorgado o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas (Proinfa), garantindo que uma parcela do crescimento da demanda de energia elétrica seria atendida com fontes novas e renováveis e definindo metas anuais e de longo prazo. Foi realizado o primeiro leilão, mas não se sinalizou o cumprimento das metas anuais e ficou difícil atingir a meta do índice de nacionalização requerido, o que dificultou a implantação da primeira fase - e isso dá mais combustível para não se iniciar a segunda fase. Paulatinamente foram se solucionando os problemas, mas até hoje o programa não foi integralmente implementado.

Com o novo modelo do setor elétrico implantado em 2004, abriu-se mão desta conquista que contemplava duas grandes externalidades: contribuir para a manutenção de uma matriz limpa e abrir oportunidades para o desenvolvimento tecnológico nacional. O modelo, além de vir lutando para garantir a segurança energética a qualquer custo econômico e ambiental, não tem conseguido garantir a modicidade tarifária, como mostraram os reajustes tarifários do setor elétrico.

Sabe-se hoje que o impacto tarifário teria sido menor se os leilões já realizados tivessem optado por um pouco mais de fontes limpas com baixíssimos custos operacionais, ao invés de dar preferência aos baixos custos de investimentos e elevados custos operacionais de algumas termelétricas.

Mais grave é o resultado do ponto de vista ambiental, porque mais de 70% da energia arrematada nos leilões provém de fonte fóssil, e não necessariamente da fóssil mais limpa - o gás natural -, mas óleo e carvão mineral. E o impacto ambiental se espraia em várias direções pois as emissões de gases de efeito estufa, que formalmente o país não tem obrigação de reduzir - apesar de isso o colocar na contramão mundial -, poluem o ambiente local e regional.

As restrições quanto aos níveis de emissão de poluentes no país são muito menores que aqueles tolerados em países mais desenvolvidos, e isto ficou bastante evidenciado no

imbróglio das emissões do diesel no setor de transportes - combustível que será usado em algumas termelétricas. Alguns Estados já estabeleceram limites mais rigorosos nas emissões toleradas, mas outros ainda veem as termelétricas a óleo como uma fonte de desenvolvimento local. Elas estão sendo concentradas em alguns Estados do Nordeste, e o custo ambiental está sendo transferido das tarifas de energia elétrica para os contribuintes dos Estados mais carentes. Desta forma, nada mais justo que a sociedade seja compensada por ter que absorver todo este volume de emissões.

O resultado final é tão deletério que começou a incomodar ministros e executivos de órgãos governamentais, além dos especialistas. Em recente artigo publicado na "Folha de S. Paulo", Rogério Cerqueira Leite qualificou o resultado final destes quatro anos de leilão como "crime perfeito", pois sistematicamente tem-se atribuído a predominância dos projetos termelétricos dos últimos leilões à demora e exigências dos órgãos ambientais no licenciamento das hidrelétricas. O que falta, na verdade, é vontade política para contornar a questão do licenciamento das hidrelétricas.

Os cenários futuros também não são promissores quando se analisa o Plano Decenal de Energia Elétrica que sinaliza para o ano de 2017: mais geração de energia elétrica com óleo diesel do que com energia eólica. Enquanto a participação da eólica sai de 0,3% em 2008 para 0,9% em 2017, o óleo combustível passa de 0,9% para 5,7%. Caso se efetivem as previsões desse Plano, em 2017 o Brasil terá menos geração eólica do que a Índia tem hoje. Também o cenário para 2030 sinaliza uma maior participação de óleo do que das novas renováveis.

Uma medida, ainda que tímida, para compensar tantas emissões, foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, mas já começa a ser bombardeada pelos grandes emissores. Espera-se que não haja retrocesso e que seu efeitos sejam ampliados do Ibama para todos os órgãos licenciadores estaduais.

Outras ações importantes para manter a matriz mais limpa foram tomadas com os leilões dos projetos estruturantes no Rio Madeira e o da usina de Belo Monte, a ser realizado este ano. Estes exemplos são prova de que esforços concentrados podem resultar em sucesso, lição a ser replicada nos leilões A-5, onde se deveria adquirir energia oriunda de hidrelétricas e não reproduzir exatamente o que acontece nos leilões A-3. O leilão de reserva da biomassa realizado em 2008 representou um avanço e espera-se um leilão significativo para energia eólica em 2009, e não um piloto, como se tem mencionado.

Considerando os avanços da tecnologia, que o último leilão de eólica aconteceu há quase cinco anos e a constatação de que o potencial do país é gigantesco, dever-se-ia pensar num leilão de grande porte, acompanhado de um programa que sinalizasse aquisições periódicas para fazer crescer o parque produtivo nacional e baratear os preços finais da energia.

Hoje não restam dúvidas que o potencial nacional da energia eólica é algumas vezes maior que o potencial da energia hidrelétrica, algo na faixa de algumas centenas de GW. Este potencial precisa ser melhor inventariado, de forma a que se assemelhe ao levantamento feito dos recursos hidráulicos e permita planejar cenários futuros de oferta baseados em análises estocásticas, com séries históricas e sintéticas, avaliando a

complementaridade entre regiões e entre os recursos disponíveis e os reservatórios existentes.

Assim, faz cada vez mais sentido planejar o setor energético, e não deixar ao sabor do mercado o resultado dos leilões, como vem acontecendo nos últimos cinco anos. Só desta forma será possível atingir uma matriz elétrica nacional sustentável em que a hidroeletricidade continue tendo um papel preponderante, mas com um avanço crescente da energia eólica, que pode alcançar índice de participação superior a 30%, ao lado de uma complementação térmica baseada em gás natural. Nesta transição, ações agressivas poderão reduzir a demanda entre 10% e 20% do hoje requerido.

Osvaldo Soliano Pereira é presidente da Sociedade Brasileira de Planejamento Energético (SBPE), professor da Universidade Salvador (UNIFACS).

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Biodiesel

Biodiesel dos EUA amarga revés na UE – Valor Econômico – Agronegócios – 08/07/2009

A União Europeia anunciou ontem a prorrogação, por cinco anos, da tarifa "temporária" de importação imposta em março sobre a entrada de biodiesel produzido nos Estados Unidos no bloco (€ 237 por tonelada).

Para manter a taxa, a UE alegou que tem de proteger seus produtores dos subsídios americanos, que, segundo o bloco, permitem a exportação a preços abaixo do custo. Vendido por grupos como ADM e Cargill, o biodiesel EUA representa 17% do mercado da UE.

Dilma: tema prioritário com Obama amanhã será biocombustível – Sítio Eletrônico da CNA – 20/07/2009

A ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, afirmou que um tema prioritário para o encontro que terá com Obama é biocombustível. Em entrevista exclusiva, em Washington, a ministra afirmou que a crise mundial, que gerou queda na arrecadação de impostos pelo governo, deixa outras questões mais prementes do que tributação.

A negociação para se obter um acordo na área de tributos entre os dois países tem sido uma demanda tratada com prioridade por executivos que compõem o Fórum de CEOs Brasil-EUA, e que esta semana realizam a quarta edição do evento. Minutos antes, o presidente e CEO da Coteminas, Josué Gomes, que coordena o grupo de 10 executivos que participam do evento, citou para a reportagem que a questão - buscando chegar a um acordo entre os dois países para tentar acabar com a bitributação sofrida - tem sido prioridade na pauta de discussões desde o início do fórum, em 2007. Mas o executivo reconhece que outros assuntos ganham prioridade para este encontro, como a discussão sobre mudança climática e energia.

Dilma acredita que a crise mundial não retira da pauta de discussões esse acordo para resolver a questão de bitributação, mas o coloca em perspectiva, diante da queda de arrecadação dos governos, e "torna outras questões muito mais prementes". "O governo

americano e o governo brasileiro estão bastante interessados nas questões relativas à mudança de clima, de parcerias em biocombustível. Também será muito importante definir claramente uma pauta de aumentos das relações comerciais entre os dois países. De ampliação dos investimentos dos EUA no Brasil e até do Brasil para os EUA", ponderou.

Diante da expectativa de diversos analistas internacionais de que o PIB brasileiro já pode ter registrado número positivo no segundo trimestre, diferentemente de economias avançadas, como os EUA, a ministra avalia que já se vê reação importante no que se refere a investimentos internacionais em direção ao Brasil. O Brasil é visto como oportunidade, continua Dilma, "na medida em que não só a economia reagiu, mas há o que eles chamam aqui de 'greenfield' de atividades (projetos que têm espaço para desenvolvimento), pois nós temos projetos de grande rentabilidade e muito atrativos", afirma.

Agência Estado

Etanol

Embaixador dos EUA defende o fim da tarifa do etanol – Patrícia de Campos de Mello - estado de São Paulo – economia e Negócios – 09/07/2009

Thomas Shannon, indicado para ser embaixador dos Estados Unidos no Brasil, defendeu ontem a eliminação da tarifa de importação do etanol brasileiro. "Acho que a derrubada da tarifa seria benéfica para os Estados Unidos e o Brasil, mas reconheço que no Congresso há outras visões", disse Shannon, durante sabatina de confirmação no Senado, em resposta a uma pergunta de um senador.

Shannon, cuja nomeação deve ser votada até o fim do mês, foi um dos idealizadores do memorando de entendimento assinado pelos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e George W. Bush em 2007 para estimular a integração da indústria de biocombustíveis dos dois países. O memorando não avançou muito, mas deu a dimensão da importância no relacionamento entre os dois países.

Segundo Shannon, o objetivo do Brasil é derrubar a tarifa para abrir mercados, mas a realidade atual é que o País não produz o suficiente para abastecer seu próprio mercado. "Portanto, a eliminação da tarifa não criaria impacto imediato", disse Shannon, em sintonia com o discurso dos produtores de etanol brasileiros. "Olhando para frente, a maneira pela qual o Congresso vai lidar com a tarifa do etanol pode promover ou impedir a cooperação entre EUA e Brasil."

Shannon, que atualmente ocupa o posto de mais alto diplomata americano para o Hemisfério Ocidental, falou também da importância de os Estados Unidos cooperarem com o Brasil na exploração de petróleo. "O Brasil tem um papel muito importante de criar estabilidade na oferta de petróleo fora do Oriente Médio."

O diplomata afirmou que já existem elementos para Brasil e EUA desenvolverem uma parceria estratégica. "Os dois países entendem a relação não apenas em termos regionais, mas em termos globais", disse. "O Brasil está determinado a ser um protagonista nas decisões globais, desde mudanças climáticas até a não-proliferação de armas, e quer ser encarado da mesma maneira que as potências tradicionais."

Shannon serviu a diplomacia de democratas e republicanos e e seu nome agrada a Brasília. Fala espanhol e português fluentemente. Esteve à frente da transformação da política externa para a América Latina nos últimos anos. Antes de assumir no Departamento de Estado, a política da Casa Branca era excessivamente ideologizada. A agenda para a América Latina era composta basicamente de terrorismo, drogas e livre-comércio e centrada em Cuba e outros países "adversários", como a Venezuela. Shannon começou a mudar essa agenda ainda no governo Bush.

"A emergência de potências globais no continente, como o Brasil, alterou o caráter das nossas relações com a América Latina", disse Shannon, em entrevista ao Estado, em março. Segundo ele, o relacionamento entre os dois países "é um reconhecimento da ascendência do Brasil no mundo."

Shannon é casado com uma guatemalteca e tem dois filhos, de 19 e 16 anos - o mais velho nasceu em Brasília. Ele serviu na Embaixada dos EUA em Brasília entre 1989 e 1992, como assistente especial. "Estou até hoje sob impacto desse país vibrante e ambicioso; fiquei muito impressionado com a sociedade aberta", disse Shannon, na introdução da sabatina. "A diversidade étnica e racial do Brasil é muito parecida com a dos EUA."

Apesar da ênfase na importância do Brasil e da América Latina, a região estava desprestigiada na sabatina de Shannon, Arturo Valenzuela (indicado para o atual posto de Shannon) e os indicados para embaixadas no México e Haiti. Os senadores entravam e saíam da sessão e deixaram os indicados esperando meia hora, enquanto iam votar no plenário. Não havia jornalistas americanos.

Disputa pela hegemonia tecnológica dificulta debate – Cristina Amorim – Estado de São Paulo – Vida & - 10/07/2009

Faltam 161 dias para o fim da próxima Conferência do Clima (COP), que acontece em dezembro, em Copenhague. Esse é o prazo para que o mundo conheça o regime político que guiará os governos para uma economia descarbonizada no século 21, a fim de evitar os piores aspectos do aquecimento global.
Contudo, a sinalização que sai da reunião das 17 maiores economias é fraca. O que o G-8 propôs - corte global de 50% das emissões de gases-estufa até 2050, corte de 80% pelos industrializados e forte comprometimento dos emergentes - não traz novidade. Que os países ricos precisam fazer mais, e que os emergentes precisam fazer algo de fato, todos concordam - a questão é quando, como e quem paga. Além da meta para o meio do século, é preciso trabalhar com ações de médio prazo, como falou o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon. Segundo o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, é esperado aquecimento de 0,2°C por década - 0,1°C se as emissões de gases-estufa fossem congeladas como eram em 2000, o que não acontecerá.

NA PRÁTICA
A disputa pela hegemonia tecnológica - e, portanto, econômica - regional e global emperra as negociações. Descarbonizar a economia significa mexer na base energética dos países, manter florestas intocadas e quebrar os padrões de consumo ocidentais ricos tão ambicionados pelos pobres do Ocidente e Oriente. Isso tem um custo alto - 2% do PIB

mundial, segundo o economista Sir Nicholas Stern -, porém menor do que o da inação (até 20% do PIB mundial).

O que está em jogo é quem vai perder menos e quem pode ganhar mais. Os países industrializados são os mais responsáveis pelo problema, pois cresceram à custa do planeta. Pagam mais caro, com taxas de redução de emissão. Os emergentes e os pobres querem trilhar o caminho do desenvolvimento, porém manter o mesmo modelo não é viável. Para crescer, contemplar suas populações pobres e não poluir, querem ajuda.

Os ricos concordam no discurso, mas não apresentaram propostas de financiamento e transferência de tecnologia. "É uma briga de cachorro grande, com muitos interesses por trás, pela mudança no paradigma de desenvolvimento", diz o diretor executivo do Greenpeace Brasil, Marcelo Furtado.

A transferência de conhecimento é o item mais espinhoso. Novas formas de geração, armazenamento e transferência de energia têm o potencial de ser a base da economia de grandes nações em um mundo sem carbono - e os EUA, com sua lei da energia, em análise no Senado, caminha nesta direção, em um futuro com menor subsídio à agricultura e maior à indústria.

A China também está de olho neste mercado para se tornar líder, pelo menos regionalmente. Mas está aquém da capacidade americana e com imenso passivo ambiental - é hoje o maior emissor de gases-estufa.

Havia expectativa de que o cabo de guerra fosse afrouxado com a nova direção americana. Maior contribuidor histórico para o problema, os EUA mostram liderança (de Barack Obama), arcabouço (lei de energia) e base política para contribuir no debate. "O país mais poderoso do mundo está mudando radicalmente de lado, o que tem uma influência brutal nos demais", avalia o cientista político Sergio Abranches. "Os outros vetos ficarão mais visíveis."

Diesel da Petrobras leva prefeitura de São Paulo a denunciar Brasil na OEA - Tatiana Farah e Ramona Ordoñez – O Globo – O País – 09/07/2009

Petição, assinada também por ONGs, questiona excesso de enxofre no combustível

SÃO PAULO e RIO. A prefeitura de São Paulo e sete entidades ambientais e de defesa do consumidor denunciaram o governo brasileiro na Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos) devido à qualidade do diesel vendido pela Petrobras. Os ambientalistas reuniram mais de 70 documentos, entre relatórios e estudos, que mostram que o excesso de enxofre do diesel brasileiro é responsável pela morte de 6.100 pessoas por ano nas capitais, causando prejuízos financeiros de US$ 3 bilhões por ano.

A petição contra o governo brasileiro foi despachada anteontem e deve ser recebida hoje pela comissão , em Washington, nos EUA. A comissão pode instaurar um inquérito e, se for o caso, imputar sanções ao governo brasileiro. Uma das punições pedidas é que a União arque com os prejuízos causados pelo uso do diesel de baixa qualidade. É uma forma de pressionar a Petrobras a produzir o combustível com menos

enxofre, o S-50, de melhor qualidade e menos poluente.

O custo para a empresa seria de R$ 2 bilhões, segundo Fabio Feldmann, conselheiro do Greenpeace. A modificação deveria ter ocorrido em janeiro, de acordo com a Resolução 315 do Conselho Nacional do Meio Ambiente, o Conama. Petrobras e ambientalistas entraram em disputa jurídica e a Justiça acabou fechando um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), com o qual as entidades ambientais como Greenpeace, SOS Mata Atlântica e Fundação Amigos da Terra não concordam.

Petrobras afirma que está cumprindo cronograma A briga não é só com a Petrobras, mas com a Agência Nacional do Petróleo (ANP), que é chamada de omissa na petição levada à OEA. Como a OEA é uma organização de estados e julga seus pares, é o nome do governo brasileiro que é levado à questão, por ser responsável pela ANP e por ser acionista controlador da Petrobras.

— Em termos legais, o pecado original é da ANP. Em termos substanciais, é da Petrobras — afirma Roberto Smeraldi, presidente da Amigos da Terra.

O secretário municipal do Meio Ambiente, Eduardo Jorge, primeiro nome no documento enviado a OEA, não quis falar sobre o assunto.

A Petrobras informou ontem desconhecer a representação à OEA, mas garantiu que não adiou a oferta do diesel menos poluente ao mercado brasileiro.

Além de garantir que nunca desrespeitou a Resolução 315 do Conama, a empresa garante que está cumprindo o cronograma de oferta de diesel 50 no país, segundo o TAC firmada com o Ministério Público Federal.

Cosan fecha acordo para exportar álcool ao Japão – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 14/07/2009

O grupo Cosan fechou um acordo com a trading japonesa Mitsubishi para exportar álcool anidro para o Japão. O contrato prevê o embarque de até 80 milhões de litros por ano, informou Mark Lyra, diretor comercial da companhia.

A parceria prevê o fornecimento do combustível para utilização do anidro na produção de ETBE (éter etílico terc-butílico), um aditivo que contém etanol misturado com derivados de petróleo. O álcool, neste caso, vai substituir o metanol, considerado um aditivo poluente, dando um caráter sustentável ao combustível final (gasolina).

Pelo contrato firmado com a Mitsubishi, a Cosan será fornecedora por um período de três anos. Os preços serão determinados pelo indicador Esalq, afirmou Lyra. "O volume

ainda é pequeno, mas tem potencial para crescer", disse. Na sexta-feira, o litro do anidro fechou a R$ 0,8237 (sem impostos), alta de 5,62% sobre a semana anterior, segundo levantamento do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

De acordo com Lyra, o acordo firmado com a trading japonesa obedece os critérios de sustentabilidade. Este contrato está vinculado ao cumprimento das leis trabalhistas, à redução de gases de efeito estufa e ao respeito ao ambiente.

No ano passado, a Cosan e outras usinas do Centro-Sul também fecharam acordo com a empresa sueca Sekab para exportar álcool combustível para Europa, obedecendo os critérios de sustentabilidade. Esta exigência tornou-se comum, sobretudo por países protecionistas, que tentam barrar a entrada do etanol à base de cana.

Com capacidade para produzir 2,3 bilhões de litros de álcool por safra, a Cosan exporta 20% de sua produção para os EUA, Europa e Ásia. Boa parte das exportações da Cosan para os países asiáticos é de etanol voltado para as indústrias químicas e farmacêuticas.

A própria Mitsubishi tem um acordo comercial com o grupo São Martinho, de Pradópolis (SP), para comprar parte da produção do álcool químico industrializado pela unidade Boa Vista, de Quirinópolis (GO), para exportar ao Japão. A trading japonesa tem participação de 10% na usina Boa Vista, controlada pela São Martinho.

Apesar do mercado japonês ainda ser muito pequeno para o álcool combustível brasileiro, as usinas do país apostam no potencial que terá no futuro. A mistura do ETBE é uma das alternativas estudadas pelo Japão, que consome 60 bilhões de litros de gasolina por ano.

A Petrobras fechou um acordo com a japonesa Mitsui para produzir álcool no Brasil em parceria com usinas locais para enviar ao mercado japonês. O acordo, contudo, ainda não saiu do papel. Em julho de 2008, a Copersucar assinou contrato com a japonesa JBSL (Japan Biofuels Supply LLP), que representa dez distribuidoras de combustíveis do Japão, para exportar 200 milhões de litros de álcool anidro por ano. A Brenco também fechou no fim do ano passado acordo com a empresa americana Lyondell para este mesmo fim.

Dilma: tema prioritário com Obama amanhã será biocombustível - Sítio Eletrônico da CNA – 20/07/2009

A ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, afirmou que um tema prioritário para o encontro que terá com Obama é biocombustível. Em entrevista exclusiva, em Washington, a ministra afirmou que a crise mundial, que gerou queda na arrecadação de impostos pelo governo, deixa outras questões mais prementes do que tributação.

A negociação para se obter um acordo na área de tributos entre os dois países tem sido uma demanda tratada com prioridade por executivos que compõem o Fórum de CEOs Brasil-EUA, e que esta semana realizam a quarta edição do evento. Minutos antes, o presidente e CEO da Coteminas, Josué Gomes, que coordena o grupo de 10 executivos que participam do evento, citou para a reportagem que a questão - buscando chegar a um acordo entre os

dois países para tentar acabar com a bitributação sofrida - tem sido prioridade na pauta de discussões desde o início do fórum, em 2007. Mas o executivo reconhece que outros assuntos ganham prioridade para este encontro, como a discussão sobre mudança climática e energia.

Dilma acredita que a crise mundial não retira da pauta de discussões esse acordo para resolver a questão de bitributação, mas o coloca em perspectiva, diante da queda de arrecadação dos governos, e "torna outras questões muito mais prementes". "O governo americano e o governo brasileiro estão bastante interessados nas questões relativas à mudança de clima, de parcerias em biocombustível. Também será muito importante definir claramente uma pauta de aumentos das relações comerciais entre os dois países. De ampliação dos investimentos dos EUA no Brasil e até do Brasil para os EUA", ponderou.

Diante da expectativa de diversos analistas internacionais de que o PIB brasileiro já pode ter registrado número positivo no segundo trimestre, diferentemente de economias avançadas, como os EUA, a ministra avalia que já se vê reação importante no que se refere a investimentos internacionais em direção ao Brasil. O Brasil é visto como oportunidade, continua Dilma, "na medida em que não só a economia reagiu, mas há o que eles chamam aqui de 'greenfield' de atividades (projetos que têm espaço para desenvolvimento), pois nós temos projetos de grande rentabilidade e muito atrativos", afirma.

Agência Estado

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei e Ademir A. Cazella

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária
Diva de Faria

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrrj.br
Sítio eletrônico: www.ufrrj.br/cpda

Apoio

CNPq actionaid CIRAD IICA nead Ministério do Desenvolvimento Agrário BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL